História de uma longa vida

Geraldo de Almeida Fonseca

História de uma longa vida

Geraldo de Almeida Fonseca

EDITORA B
Belo Horizonte, 2020

Copyright©2020 Geraldo Almeida Fonseca

EDIÇÃO
Beatriz Amaral

REVISÃO
Patrícia Alves da Cruz Mauro

REVISÃO FINAL
Tela Fonseca

CAPA/PROJETO GRÁFICO
Editora B

Fonseca, Geraldo de Almeida
F676 História de uma longa vida / Geraldo de Almeida Fonseca. – Belo Horizonte: Editora B, 2020.
128p.
Contém fotos.

1. Fonseca, Geraldo de Almeida - Biografia. I. Título.

ISBN 978-65-00-03091-4

CDD: 920.5
CDU: 920.91

Ficha catalográfica – Maria Aparecida Costa Duarte – CRB/6-1047

EDITORA **B**
ba31665@gmail.com | 31 99133.9535

DEDICATÓRIA

Minha história de vida é dedicada às famílias que antecederam a mim e Haidée, às que se agregaram a nossos filhos e netos, às de nossos irmãos, primos e sobrinhos queridos, às de nossos colegas da Escola de Minas, em especial aos da República Pif Paf.

Foi uma trajetória plena de atividades nas áreas profissionais e sociais projetando lições legadas pelos saudosos antepassados e na esperança que a rememorização dos acertos e erros cometidos sirvam de roteiro para as gerações que nos sucederem sempre focados e iluminados pelas bençãos divinas.

PREFÁCIO

Coube-me, com grande alegria, prefaciar a história do Geraldo.

Nossa família é de Três Corações: Geraldo é o primogênito e eu, Maurício, o caçula. Éramos cinco irmãos, turma que cresceu com a adoção informal, pela mamãe, de Maria Leopoldo, nascida em 1952, filha da nossa cozinheira, Joaquina.

Devemos a Geraldo muito de nossas vidas, uma vez que ele abriu o caminho da Escola de Minas, na qual formamos mais dois irmãos, José Ignácio e eu, e três primos: Guilherme, Eduardo e Sérgio.

Geraldo, além de nos ensinar o caminho das pedras para Ouro Preto, foi sempre o líder do nosso grupo familiar.

Como aluno da Escola de Minas, foi excelente jogador de futebol. Era reconhecido de tal forma pelos seus colegas que, em 1953, quando fui para Ouro Preto prestar vestibular na Escola de Minas, fiz muito sucesso apenas pelo fato de ser irmão dele, pois os estudantes aguardavam o sucessor futebolístico de Geraldo. Infelizmente em nada colaborei para seu prestígio, pois eu não jogava futebol.

Neste livro ele chega a comentar sobre a sua época como jogador, sem, no entanto, destacar seu sucesso.

Geraldo se formou em 1951 e conviveu na Escola com o irmão José Ignácio, formado em 1955.

Eu, Guilherme, Eduardo e Sérgio entramos na Escola de Minas após a formatura de Geraldo. Apenas José Ignácio foi seu contemporâneo.

José Ignácio e Nélia (irmão e cunhada), Haidée e eu, Regina e Maurício (cunhada e irmão)

O trabalho ora apresentado está dividido em vários períodos: antes de sua ida para Ouro Preto, durante o período universitário, e posteriormente à sua formatura como engenheiro e pai de família, com sua esposa, Haidée, cujo namoro foi iniciado quando estudante.

Deixo aqui meu grande abraço a Geraldo pelo que fez pela nossa família e, em especial, por mim, que sempre procurei seguir seus passos.

Maurício de Almeida Fonseca

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Revolução de 1930 e ascensão de Getúlio Vargas à Presidência da República

Vou iniciar relatando um episódio que ficou gravado em minha memória desde os quatro anos e meio de idade. Por razões políticas que vim a conhecer mais tarde, a sucessão de Washington Luiz, em 1930, foi traumática. Minas, que dividia com São Paulo a dobradinha "café com leite", era governada por Antônio Carlos Andrada, que deveria, na República Velha, disputar a presidência e foi postergado com a indicação à eleição do paulista Júlio Prestes. Houve forte reação de outros Estados. Assim, Rio Grande do Sul, Minas e Paraíba, após a eleição de Prestes, iniciaram uma revolução que levaria Getúlio Vargas ao poder em julho de 1930.

Papai, à época, estava viajando com sua comitiva para a compra de gado no Triângulo Mineiro e em Goiás. Vovô Ignácio, com receio de possíveis combates da polícia mineira com o 4º RCD, guarnição federal de Três Corações, levou-me, em seu Ford Bigode, com mamãe, Estela e o recém-nascido José Ignácio, para a fazenda do tio Alcides, casado com tia Maria do Carmo, irmã de papai. Recordo-me perfeitamente da nossa chegada à Fazenda Serra, das primas Aparecida e Margarida, minhas colegas no curso primário, e de Eneida, colega de Estela. Tia Maria e as primas nos

receberam com muito carinho e amor. Lembro-me ainda do gramofone que os tios mantinham na fazenda.

Após os combates violentos de rua em Três Corações, a polícia venceu o 4º RCD, enquanto Getúlio Vargas, com Oswaldo Aranha e a coluna Prestes, chegava ao Palácio Monroe, no Rio de Janeiro. A luta em Três Corações deixou mortos entre militares. Até o moço Conrado, filho do italiano Sr. Grossi, foi vitimado, além do Tenente Palestino, que é nome de pequena praça na cidade. As marcas dos combates ficaram expostas nos postes de ferro da antiga Cia. Força e Luz, hoje Praça Odilon Rezende Andrade. A casa do vovô José Cota, onde permaneceram os tios solteiros, foi alvo de alguns tiros que atravessaram as janelas e vidraças que davam para a avenida, hoje denominada Presidente Vargas.

A revolta seguinte de São Paulo, em 1932, na tentativa de derrubar Getúlio Vargas do poder, desenrolou-se no grande túnel da Mantiqueira que liga Passa-Quatro a Cruzeiro, onde os mineiros derrotaram os paulistas. Dessa revolta somente tive conhecimento bem mais tarde. Por coincidência, a reforma do grande túnel de 970m, realizada entre 1959 e 1960, foi a obra de maior responsabilidade da minha carreira profissional.

TRÊS CORAÇÕES

Papai, Zequinha Cota, como era conhecido, foi o único dos irmãos a deixar a Fazenda da Cota para negociar gado na feira de Três Corações. Apaixonou-se pela bela moça Olívia, da tradicional família Lemos, irmã de Oraida do Corrucho, político de Três Corações. Com ela se casou em 1919, com 22 anos. Olívia padecia de reumatismo infeccioso e sua família julgava que teria poucos anos de vida, porém aprovou o casamento, que realmente durou apenas dez meses. Papai, pelo impacto da perda, sentiu imensamente o golpe do destino e permaneceu viúvo por cinco anos. Com sua febril atividade de boiadeiro, estava sempre viajando com sua comitiva – com a permanente ajuda do Sr. Pedro Amendoim – para compra de gado zebu, gir ou mestiço e transações na feira de gado de Três Corações.

A mútua simpatia com mamãe Esbella levou Papai Zequinha, viúvo do casamento com Olívia, a pedir ao vovô Ignácio Almeida que concedesse a mão de mamãe em casamento. Vovô aceitou o pedido desde que o casal morasse em sua casa, pois enviuvara da vovó Nica e mamãe já era responsável pelas filhas caçulas de seu casamento, Irene (Mandinha) e Carmen (Cacá), com idades de quatro e dois anos.

O enlace se deu em setembro de 1924. Como primogênito, nasci em 26 de janeiro de 1926.

Papai me ninava com cantigas como "Se esta rua fosse minha", entre outras, e soube por mamãe que eu sempre pedia para ele cantar "minha".

Aos cinco anos, recordo-me de ter sido muito paparicado pelas tias Irene e Carmen. O lar do vovô ainda acolhia as primas Fia e Nina (de Delfinópolis), das famílias Melo e Almeida, além de Valerinha, amiga da mamãe, e de suas irmãs Clara e Filhinha, que, em seguida, casaram-se com Gatini e Zico.

Papai continuava sua labuta de boiadeiro. Com sua comitiva, viajava para várias cidades, inclusive no Triângulo e em Goiás, e comprava boiadas que eram conduzidas a Três Corações para serem vendidas a compradores de frigoríficos do Rio de Janeiro.

Moramos na casa do vovô Ignácio até 1931, quando nos mudamos para a casa do vovô José Cota.

Ao nos transferimos com os irmãos Estela e José Ignácio para a nova casa, em 1931, coube à mamãe o comando do lar, com o auxílio das tias Umbelina e Dodora. Tio Osvaldo estudava contabilidade em Juiz de Fora e tio Chico iniciara o curso ginasial em Três Corações. Posteriormente, vovô matriculou-o no internato do colégio Santo Antônio, em São João del'Rei. Tia Madalena, caçula da família de papai, praticamente da minha idade, as primas Aparecida e Margarida (filhas da tia Maria) e os primos Marcelo e Zé Cota (filhos da tia Miloca) faziam o curso primário na escola de Dona Aída Rosa de Andrade e de Dona Conceição Toledo.

À época, além dos quatro anos do curso, havia o quinto para preparação ao ginasial. Eu seria matriculado com oito anos no colégio de Dona Conceição. Porém, fui acometido por pneumonia dupla e, seguindo aconselhamento médico, se não me engano do Dr. Sampaio, não iniciei o curso primário no ano de 1934. Ma-

mãe, após a acomodação dos manos Gilberto e Maurício, nascidos em 1932 e 1934, respectivamente, ficou responsável pelas minhas primeiras lições de português e tabuada. Cumpriu a tarefa com tal eficiência que, no início de 1935, fui matriculado no 2º ano primário do colégio de Dona Aída.

Bastante estudioso, como todos os irmãos, e com a ajuda de mamãe e às vezes de papai na solução de problemas de álgebra, fiz ótimo curso primário. Dr. Marcos Coelho Neto, advogado sócio do grupo que adquiriu o ginásio, procurou papai e disse que eu não precisaria fazer o 5º ano, pois sabia que eu estava preparado para o ginasial. Cursei o ginasial de 1938 a 1942. Fui escolhido orador da turma do último 5º ano, devido à reforma Capanema, com festa de formatura no Clube Três Corações.

Enlace de Dr. Enout e Dona Zilá e da filha do Dr. Enout com o pai de Dona Zilá

As duas moças, muito jovens, ao se casarem com os velhos senhores, tornaram-se madrastas entre si e viveram para cuidar da longevidade de seus parceiros. Dona Zilá, após a viuvez, casou-se com vovô José Cota Fonseca e foi por muito tempo madrasta de papai e nossa avó por afinidade.

Vovó Adélia morreu em 1942, quando vovô completara 71 anos. Seu enlace com Dona Zilá se deu em 1945. Ele faleceu aos 98 anos, em 1968, sendo o mais longevo da família Fonseca.

Reunião da família Almeida Fonseca, em Passa Quatro

Reunião da família na Fazenda da Cota

Lembranças do meu curso primário

Jogos preferenciais

Vôlei e bola brasileira[1].

Lembrança triste

Exatamente no dia das mestras, mamãe preparou um belo buquê de rosas para presentear Dona Aída. No intervalo normal, jogávamos bola brasileira quando houve um desentendimento entre mim e um aluno bem mais forte, cujo nome não me recordo. Dona Ruth, irmã de Dona Aída, nos denunciou e, pela primeira e única vez, fiquei de castigo em sala isolada do contendor.

Episódios desagradáveis no curso primário

Jogando vôlei, ou bola brasileira, eu e o primo Otávio nos desentendemos e chegamos a trocar socos. Atingi seu nariz, que sangrou. Otávio disse simplesmente que, se eu tivesse vergonha na cara, não deveria mais conversar com ele. Permanecemos como colegas durante o resto do primário e mais cinco anos do ginásio sem jamais trocarmos qualquer palavra. Porém, no dia da formatura, esquecendo aquela infantil promessa, nos abraçamos e restabelecemos a amizade que jamais deveria ter sido interrompida.

Houve também um episódio que muito me constrangeu. Jogávamos pelada no campo do Atlético e, após uma altercação, um garoto de família modesta, cujo nome não me recordo, exibiu

1. Jogo de bola em círculo parecido com a queimada.

um canivete e fez menção de me atacar. Naquela circunstância, não tive alternativa senão voltar correndo para casa sem contar a ninguém o ocorrido e o susto que levei.

Aprendizado de dança e primeiro namoro

Eu era muito tímido. Mas desde os dez anos, no primário de Dona Aída, iniciamos o aprendizado da dança nos bailinhos que ela organizava, à base do conjunto do Arlindo Craveiro, dançando marchas e sambas em voga.

Dona Aída, para animar a meninada, levava cada um dos alunos para dançar com uma garota. Foi assim que nossa geração tornou-se dançarina. A partir de 1938 – tínhamos entre 14 e 16 anos – dançávamos no Clube Três Corações e em outros bailes na cidade.

Somente aos 16 anos tive um rápido namoro de poucos meses com Terezinha Palmeirindo, filha de um comprador de gado vindo de Cruzeiro, em breve estada na cidade antes de se transferir para o Rio de Janeiro.

Férias

Passava as férias sistematicamente na Fazenda da Cota com vovó Adélia, uma pessoa excepcional pelo carinho que me dedicava. Levantávamos muito cedo. Após tomar leite quente das vacas ordenhadas pelo tio Nelson, ainda solteiro, auxiliava vovó no trato das galinhas. Deixávamos as que iam botar ovos presas no galinheiro, separadas das outras. Também alimentávamos os

porcos com soro da fábrica de queijos do vovô José Cota, milho e lavagem.

Após ajudar vovó, gostava de ir ao engenho com roda d´água colocar cana na moenda para fazer a garapa, que, aquecida nas tachas de cobre, produzia puxas e rapaduras.

O almoço era farto, pois vovó era exímia cozinheira, auxiliada pela velha Tana, vinda da escravatura, porém livre desde menina. Aprendendo com vovó, fazia no forno deliciosas broas, pães de queijo e outros quitutes.

Vovô acordava muito cedo e saía a cavalo para administrar a fazenda, cujas terras produziam café, arroz, feijão e milho, além da cana de açúcar, que se transformava em rapaduras e açúcar mascavo, negociados no comércio de Três Corações. Produzia também a velha cachaça de alambique e tinha um quintal com variadas frutas: jabuticaba, mamão, laranja, pera, marmelo, pêssego e goiaba. Com a farta água do córrego, plantava todo tipo de hortaliças.

Dizia vovô que, na fazenda, somente se comprava sal e carbureto para iluminação dos candeeiros. Deliciosos almoços e jantares eram completos, com carnes variadas de frango, porco e boi. De famílias muito católicas, os avós tinham um altar com imagens de Jesus e de Nossa Senhora para o terço noturno diário que se iniciava em torno das 20 horas, sob o comando das tias Umbelina e Dodora. Vovó me distinguia com carinho e remédios caseiros. Recordo-me de uma crise de coqueluche que me deixou em repouso absoluto, além dos surtos de asma.

Carnavais em Três Corações

Quando garoto, morando na casa da cidade do vovô José Cota, gostava de acompanhar o desfile dos blocos caricatos, entre os quais se destacava o "Flor do Amor", com sede na Avenida Getúlio Vargas, cujos componentes faziam parte da classe mais modesta.

A veia carnavalesca foi herdada da família Almeida, cujos tios desfilavam em blocos pela avenida principal e brincavam no Clube Social.

Dos meus 12 anos até os 16 fazia parte do bloco da Dorinha Avelar. Na casa em que ela morava com os pais, ensaiávamos as marchas e os sambas do ano para as brincadeiras de quatro noites no Clube Três Corações.

Havia uma regra rigorosa que determinava que o rapaz ou a moça cuja(o) namorada(o) não pertencesse ao bloco não poderia brincar fora dele.

Para animar, os mais tímidos, como eu, tomavam, no bar do Salomão, pelo menos uma dose de "fernete" (pinga com rum) ou o "please" de lança-perfume "Rodo", que à época não era proibido. Uma das brincadeiras com lança-perfume era mirarmos as pernas, os braços ou o dorso das moças e lá ia um jato cheiroso e refrescante.

Os blocos dos jovens entravam no clube às 22 horas e dançávamos, nos quatro dias, até as três ou quatro horas da madrugada.

Futebol em Três Corações

Dr. Marcos, que jogara no Flamengo do Rio durante o curso de advocacia, construiu um pequeno estádio com arquibancadas

e varanda coberta no ginásio Três Corações, para convidados privilegiados.

Como mestre em Português e apaixonado por futebol, conseguiu formar um grande time entre 1938 e 1942, que chegou a disputar torneios sob o patrocínio da LET – Liga Esportiva Tricordiana.

Em 1941 ou 1942, Dr. Marcos levou a Três Corações o juvenil do Botafogo do Rio para amistoso e ainda convidou para participar do evento o narrador e compositor Ary Barroso (o homem da gaita, na transmissão de jogos do campeonato carioca e do torneio Rio-São Paulo). Ficou na nossa lembrança o memorável duelo terminado em empate (2x2) com o nosso esquadrão, composto pelos craques Carlos, Nilo Junqueira, Dão na defesa e Darcy, Nilo Oliveira ou Gilson, Cabral e Doca no ataque.

Dr. Marcos organizava também torneios internos dividindo os times dos garotos como eu com nomes das tribos indígenas brasileiras: Tupi, Tupinambás, Tamoios, etc.

A despeito do fato de papai detestar futebol, consegui jogar no segundo time do ginásio, onde concluí o curso com 16 anos.

Tiro de Guerra

Com a presença do 4º RCD – Regimento de Cavalaria Divisionária, no período da Segunda Guerra Mundial instalou-se o "tiro de guerra" preparador dos reservistas de segunda categoria a partir dos 16 anos, cujas atividades se iniciaram em princípio de fevereiro. Tive a sorte de completar a idade mínima em 26/01/1942 e era o mais novo dos inscritos em 01/02/1942.

Formatura ginasial, Três Corações, 1942

Havia horário especial de treinamento dos candidatos no próprio ginásio para educação física, marchas pela cidade e um acampamento na fazenda do Sr. Neco Pedra, pai do Otacílio, nosso companheiro, que mais tarde se casou com a prima Helena, primogênita do tio Nelson Fonseca.

Um dos exercícios mais importantes era o treinamento de tiro ao alvo com fuzil. O companheiro Gatini não conseguia de forma alguma acertar as circunferências do alvo, porém o sargento camarada fechava os olhos, para que outro atirador o substituísse. Assim, em dezembro de 1942, recebemos oficialmente nossos atestados. Tínhamos quase certeza de que nenhum dos integrantes do grupo seria convocado para a FEB – Força Expedicionária Brasileira, que lutou na Itália com as forças do eixo Alemanha, Itália e Japão até 1945.

Relacionamentos familiares na mocidade

Família Mello-Almeida

Tio Edmundo, na mocidade, jogou futebol na fundação do ACTC – Atlético Clube Três Corações. Após se formar em medicina no Rio de Janeiro, foi trabalhar em Jundiaí, na Rede Ferroviária Paulista, já casado com tia Marta Ipiranga dos Guaranis, cujo irmão foi seu colega de faculdade. Com gênio comercial, adquiriu no município área de terra com a intenção de plantar parreiras.

Transferiu-se para Campinas, cidade modesta à época, onde

implantou uma sociedade médica, protótipo de uma Unimed. Ele e tia Marta foram meus padrinhos de crisma. Não puderam ter filhos, portanto adotaram o menino Ivo, que era a alegria do lar.

Tio Edmundo passava suas férias em Três Corações. Amigo de papai, deleitava-nos com sua verve, contando histórias e fatos acontecidos nas terras paulistas. Ivo, cuja idade deveria estar entre a de José Ignácio e Gilberto, acompanhava sempre os pais nas férias. Além da clínica inaugurada, meu tio fez o projeto da própria casa e a construiu. Como ginasiano, passei duas ou três férias de julho em Campinas, com mamãe.

Após o casamento de mamãe e meu nascimento, tia Clara casou-se com Gatinni; tia Filhinha, com Aderbal Junqueira.

Na sucessão, tio Daniel formou-se também em medicina no Rio e foi um clínico famoso em Três Corações, casando-se com tia Eurídice, natural de Boa Esperança. Tiveram dois filhos: Marcelo e Helena, nossos primos. Tio Daniel foi o parteiro de Pelé, cujo pai, Dondinho, serviu como cabo no 4º RCD.

Tio Daniel e a esposa eram festeiros. Em vários finais de semana, com a presença do colega Aurélio Gazzola, faziam churrascos, dos quais eu participava.

Foi presidente do ACTC no período áureo como campeão da taça Guaraina, em final em melhor de três com o Iuracan de Itajubá, após uma vitória e uma derrota, ambas por 2x0, e conquistou a final em Varginha com o placar de 4x1, em festa memorável no clube social da cidade vizinha e chegada em Três Corações. No time do Atlético despontaram os craques Dondinho (pai do Pelé)

e o capitão Eloi Menezes, futuro presidente da CBF – Confederação Brasileira de Futebol. O time principal era formado pelos jogadores Emílio, Cinquenta, Zé da Bola, Zezinho, Oscar, Quintino, Capitão, Eloi Menezes, Dondinho, Hélio e Paiva.

Na sucessão veio tio Clovis, seresteiro, que teve como amigo Carlito Bonésio, filho do comerciante e figura de proa da sociedade tricordiana Sr. Pedro Bonésio.

O Sr. Bonésio incentivou a construção do Clube Três Corações e foi seu primeiro presidente, nos idos de 1932, passando em seguida a presidência para papai Zequinha Cota.

Tio Clovis havia perdido o vestibular de Arquitetura e resolvera não retornar ao Rio. Casara-se com Cidinha e atuava como comerciante de torrefação de café. Foi também lateral esquerdo do ACTC.

Consta que vovô Ignácio, dono de grande fazenda às margens do Rio Grande, pretendeu entregar-lhe a administração da fazenda e ele declinou o convite.

As tias Irene e Carmen foram das primeiras turmas do recém-inaugurado Ginásio Estadual Três Corações e completaram cinco anos do curso ginasial em 1936. Lembro-me de ter sido companheiro inseparável de Cacá. A "rapa do tacho" de vovô tinha sempre um dinheirinho para comprar seus álbuns de figurinhas e balas, que sempre me dava de presente. Nós dois brincávamos de futebol, minha paixão desde a infância, no quintal do vovô José Cota. Eu tinha cerca de seis anos.

Família Rezende-Fonseca

Além da citada ligação filial com vovó Adélia, frequentei as fazendas de tio Edgar e Dulce, tia Miloca e Ataíde (Fazenda de São Tomé, com os primos Marcelo e José Cota).

Os tios Edgar, Dulce e Miloca foram para mim pessoas queridas e admiráveis pela bondade e gentileza. Na fazenda do tio Edgard, havia um açude onde iniciamos a natação.

Devo mencionar também tia Estela, com sua ternura e difícil luta com tio Memé, sofredor de esquizofrenia.

Tio Nelson, ainda solteiro, era responsável por tirar leite das suas vacas e das de vovô José Cota. Lembro-me do dia em que me informou com alegria o noivado com tia Elza Lemos, filha do Sr. Antonino e Sadia.

Recordo-me com carinho das três tias solteiras, Umbelina, Auxiliadora (Dodora) e Magdalena (Dalena), esta minha colega de primário, e das primas Aparecida e Margarida, filhas da carinhosa tia Maria e Alcides Junqueira. Devo ressaltar que, com referência a Dodora e Dalena, houve namoros que esbarraram com o radicalismo do vovô José Cota relacionado ao veto aos pretendentes. De tia Dodora, lembro-me de sério namoro com o professor do ginásio Tirene Paiva. De tia Dalena, do namoro com um sargento do 4º RCD. Ambos deixaram Três Corações e, após enviuvarem, foram propor casamento às nossas queridas tias, já matronas, propostas também recusadas.

Tio Osvaldo era um católico fervoroso e humanitário, que comandava os Vicentinos e a Congregação Mariana. Foi responsável

pela minha formação religiosa de congregado mariano, que me acompanhou no curso científico no Colégio Santo Antônio de São João del'Rei e na Escola de Minas de Ouro Preto.

Tio Chico, galã seresteiro, enamorara-se de Julia Naback, vetada pelo vovô José Cota, que, para evitar o namoro, enviara-o para o Colégio Santo Antônio, em São João del'Rei. Desfeito o namoro com Julia, que permaneceu solteirona e apaixonada por ele, casou-se com Maria, natural de Campanha, com a qual teve sete lindos filhos, meus primos mais novos. Tio Chico morreu prematuramente, com pouco mais de 40 anos, em decorrência de colapso cardíaco.

Tios Umbelina, Oswaldo, Dalena e Dodora

Mini fazendeiro

Em março de 1977, em casa, meu pai foi vítima de um derrame. Foi transferido para o Hospital Arapiara, sob os cuidados do mano Gilberto. Assim, assumi, como primogênito, o controle da sociedade JR Fonseca Agropecuária e Comércio Ltda. Explorava o Retirinho, com gado de leite e engorda de garrotes, assim como o pasto de 10 alqueires da Serra – herança da família Fonseca.

Mamãe, que não desejava sair da terra e da sua casa, inaugurada em 1939, fazia o controle bancário, lançando as receitas e despesas com minha assinatura e a dela, conforme o contrato social.

João Maria era o retireiro, e seu sobrinho José Luiz controlava o gado da Serra. Maria Leopoldo, filha de criação, e Joaquina, sua mãe e cozinheira, viviam na casa com mamãe.

Fachada da casa em Três Corações com os sobrinhos Luiz Antônio e Paulo Fernando

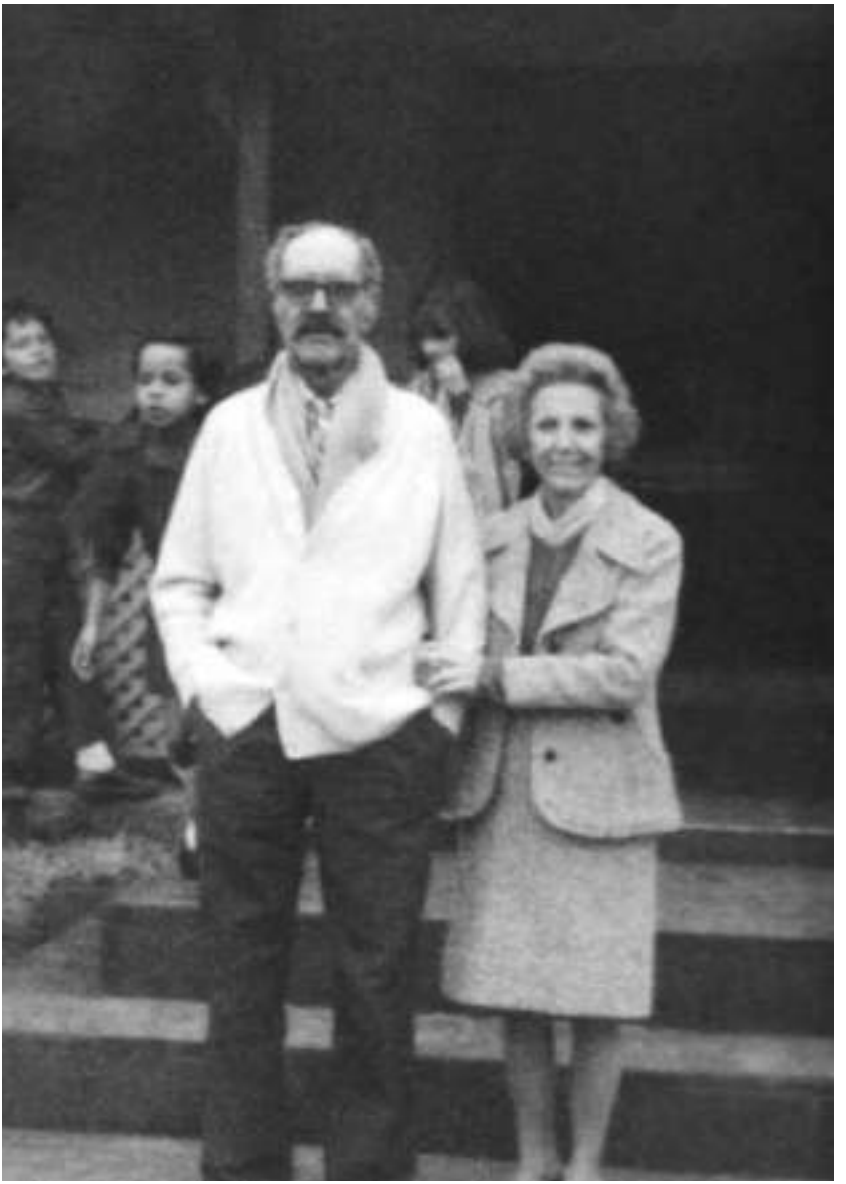
Para reduzir o trabalho nas duas fazendas, resolvi, com o apoio dos irmãos, vender as vacas de leite e adquirir da sociedade o pasto da Serra. Com as viagens mensais a Três Corações e a ajuda de Carlos, marido de Maria Leopoldo, passei a controlar o gado de engorda na Serra e adquiri, em seguida, três glebas do Bananal da família Jeferson Ximenes e Joana Albaine, na Fazenda da Cota.

Posteriormente, arrendei pasto da herança de Maurício para aumentar o plantel e dividir os lucros com ele, quando das vendas – pasto da Cota de 10 alqueires, chegando a engordar até 150 garrotes no total. Maurício acabou vendendo suas terras em negócio triangular com José Ignácio. Plantei *brachiaria* no Retirinho e passei a explorá-lo com engorda de 50 a 80 garrotes, durante o apoio à mamãe.

Com o falecimento de mamãe, em 1998, encontrando-se a casa matriz já bem deteriorada, resolvemos desmanchá-la, após cessão a Maria como herdeira da casa velha, pertencente a José Ignácio e Paulo de Estella, adquirida deles em gleba de 21.000m² do Retirinho. Alugamos o terreno para estacionamento durante dois ou três anos e o vendemos posteriormente, distribuindo o valor para os cinco irmãos.

Mantive o negócio de engorda até aproximadamente 2012 e vendi o pasto da Serra ao primo Marcos Carvalho Fonseca, após alugá-lo ao sobrinho Sérgio Branquinho, assim como as glebas do Bananal. Vendi as glebas em 2016, com corretagem de Maria Tereza e Ricardo Lima, para Gilberto Pereira e o próprio Ricardo, e encerrei minhas atividades como pecuarista.

Família Almeida Fonseca no Retirinho



Papai e mamãe comemorando Bodas de Ouro, em Três Corações

SÃO JOÃO DEL' REI

Terminado o curso colegial, com louvor, inclinei-me, por intermédio das cadeiras de matemática, física e química, a cursar engenharia. Papai tinha um contato próximo com o Dr. Torres, engenheiro civil formado na Escola de Minas de Ouro Preto, chefe de residência da Rede Mineira de Viação de Três Corações, que tinha dois filhos – Mário, em Ouro Preto, e Humberto, em Belo Horizonte – que estudavam engenharia.

Em conversa com o Dr. Torres, afirmei que desejava estudar engenharia. A reforma Capanema, com o intuito de ampliar o conhecimento geral dos futuros profissionais, criara os cursos Científico e Clássico. Antigamente, os candidatos a ciências exatas (engenharias), após o 5º ano ginasial, cursavam dois anos preparatórios nas faculdades para admissão ao curso universitário. Dr. Torres optou por me indicar o colégio dos frades franciscanos holandeses em São João del'Rei, o qual, segundo ele, oferecia o ensino ginasial mais categorizado de Minas Gerais.

O colégio oferecia internato e externato. Mamãe, para sua tranquilidade, exigiu que eu optasse pela primeira alternativa. Fui conduzido pelo tio Oswaldo em viagem ferroviária, passando por Lavras até o destino.

O colégio Santo Antônio tinha regras disciplinares muito rígidas e acolhia alunos principalmente de Minas, Rio e Bahia, estudantes na faixa etária de 16 a 18 anos, para o recém-criado Curso Científico.

As saídas para os alunos ocorriam aos domingos, das 12 às 17 horas, em grupos de quatro, com a vigilância de freis com suas motocicletas.

Os programas preferenciais para os internos eram assistir cinema, jogar sinuca nos bares ou simplesmente passear na Avenida Central. À noite, após o café das 19 horas, os alunos do científico permaneciam em salas especiais para ler ou jogar conversa fora. Para nós, que fizemos o ginásio com liberdade noturna, aquelas salas eram realmente consideradas prisões. Invejávamos os gerentes escolhidos entre nós, que tinham direito a saídas noturnas até às 22 horas.

As aulas – após o banho matutino em chuveiro de água fria, o café da manhã e a missa obrigatória às quartas-feiras, aos sábados e domingos, às 7 horas – eram ministradas pela maioria dos freis e, algumas matérias, por importantes lentes da cidade.

O curso de dois anos foi muito rigoroso e houve reprovações e transferências de alunos para outros colégios.

O recurso era estudar muito e queimar as energias em piscina de água fria ou jogar futebol, vôlei e basquete com o time de nome Esparta.

Embora gostasse de jogar futebol, no primeiro ano não consegui posição no time principal. Fui escolhido pelo frei Aristides, grande esportista e jogador de futebol, para ser diretor de vôlei com os craques Lufrido, Paulo Coutinho, Jadir, Caio, Godoi e Russo, time invicto em jogos com times da cidade e colégios de outras cidades da mesma irmandade.

Jogava como meia-direita, em 1943, no sistema WM, comum na época. No ano seguinte, com a perda do centromédio Porto, que se transferiu, fui escalado em seu lugar no esquadrão que, em jogos amadores, não perdeu para os times da cidade. Empate contra o Minas e o Atletic e vitória contra o Social e Santo Antônio de Pará de Minas. Na revanche, em Pará de Minas, enfrentamos com única derrota (4x2) o melhor esquadrão da cidade, substituindo o time do colégio.

Ao encerrar o 3º ano científico, em 1944, fui agraciado com a medalha de ouro. Na festa de formatura, realizada na Associação Comercial, meus pais, Estela e José Ignácio, foram me prestigiar.

Durante os dois anos, com o rigor das poucas horas de liberdade e também devido a certa timidez, não tive ocasião de iniciar qualquer namoro em São João del'Rei.

Formatura do científico, em 1944. Colégio Santo Antônio, São João del'Rei.
Estou na terceira fileira, quarto da esquerda para direita.

OURO PRETO

Exame vestibular em Ouro Preto
primeira decepção da minha vida estudantil

Após descanso com a família em dezembro e princípio de janeiro, em Três Corações, parti para Ouro Preto no noturno da RMV (Rede Mineira de Viação) até BH. No dia seguinte, segui pela Central até Ouro Preto. Em dia nublado, cheguei à estação e, com um carregador de malas, dirigi-me ao Grande Hotel, prédio moderno projetado por Niemeyer.

Encontrei vários colegas de São João del' Rei e, no dia seguinte, hospedei-me na pensão de Dona Amélia, na esquina da Praça Tiradentes com a Rua do Ouvidor. Conheci então os candidatos Olival Gomes Pimentel, vindo de Vitória, e Antônio Pessoa Cavalcanti, de Recife. Nós três ficamos alojados em quarto amplo, com vista para a estátua de Tiradentes.

Fizemos inscrição para o final do curso preparatório na Escola de Minas, ministrado pelos mestres em matemática Tibiriçá e Calaes.

Do colégio Santo Antônio, éramos Caio Leão, Marco Túlio, Leo Rodrigues, Hélio Souza, Thomé e dois colegas que se transferiram de São João del'Rei para o colégio Arquidiocesano, Fernando Homem e Justino Furtado.

As primeiras aulas do curso, que recordavam a matéria prin-

cipal, impressionaram-nos negativamente devido à nossa deficiente preparação.

Esse aspecto foi confirmado nos 20 primeiros dias de janeiro de 1945, anteriores ao exame. Vários colegas se reuniam no nosso quarto para o estudo de soluções de problemas difíceis, que poderiam cair nas provas do vestibular.

Antônio Cavalcanti, um dos colegas, estava realmente preparado para solucionar problemas de matemática, a maior parte dos quais estava acima da minha capacidade.

Aquelas reuniões noturnas, somadas às aulas do curso anexo, foram determinantes para a reprovação do grupo de São João del'Rei, à exceção de Justino Furtado, que fora distinguido com o 1º lugar no Colégio Santo Antônio, em 1943 (2º científico), e se transferira para o Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto.

A prova de matemática continha quatro questões: álgebra, trigonometria, geometria plana e geometria espacial.

Ao iniciar os cálculos para solucionar as questões propostas, julguei as duas primeiras fáceis, e as resolvi. Antônio Cavalcanti estava sentado uma carteira à minha frente, e a solução trigonométrica foi uma equação do 2º grau (distância entre dois pontos). Na álgebra, cometi um engano. Resolvi, por falta de confiança, perguntar ao colega a resposta do problema de número dois, pois o resultado que encontrei era um círculo. Entendi que a resposta dele era uma reta (equação de 1º grau). Fiquei em dúvida e, inseguro, anulei a questão e entreguei a prova. Terminado o exame, perguntei a Antônio a resposta da equação do 1º grau. Fiquei decep-

cionado, pois minha solução estava correta. Havia ainda a chance de me sair bem na prova oral, pois fizera uma boa prova de física e obtivera um ótimo resultado em química. Julguei ter acertado a prova de logaritmos, que valia 2,5 pontos, e fiz uma regular prova oral, resolvendo quase até o fim a solução da equação de uma elipse, mas me afobei no resultado final.

Reprovado pela questão desprezada, fiquei decepcionado, como os outros colegas. Ao voltarmos para casa, soubemos que havia 12 vagas no curso da UFMG para completar o primeiro exame. Conseguimos um lugar precário em uma pensão na Av. João Pinheiro, para ficar próximo à casa de um irmão médico de Hélio e cunhado de Thomé. Pretendíamos tentar a recuperação do ano.

Passamos várias madrugadas recordando a matéria, até o dia D. Enfrentei as provas escritas e orais e julguei ter obtido sucesso em matemática e química (nessa matéria, meu desempenho no exame oral foi realmente brilhante e merecedor da nota máxima, 9). Veio o resultado final: alcancei a oitava média entre os pretendentes, mas fui reprovado em física.

A segunda bomba foi motivo de grande abatimento para o medalhista em São João del'Rei.

Cheguei a Três Corações justamente no dia do término da Segunda Guerra, com a rendição incondicional da Alemanha, Itália e Japão para as forças aliadas dos EUA, Inglaterra, Rússia, Brasil e os patriotas franceses, sob o comando do general De Gaulle.

A recepção calorosa da família me aliviou a frustração. Lentamente consegui me reerguer, descansando até agosto e retornando

a Ouro Preto, com inscrição no Curso Anexo à Escola para o novo vestibular de 1946. As provas, no meu entender, foram mais difíceis, mas consegui o 8º lugar entre 33 colegas aprovados. Após o vestibular em fevereiro, fomos cada um para a respectiva casa paterna, para descanso e recuperação de forças até o reinício das atividades universitárias na famosa Escola de Minas, em março de 1946.

O abatimento moral anterior foi superado pela excelência do curso e pela reunião dos colegas João Sabino, Caio Leão e Fernando Homem na criação da República Pif-Paf, com a inclusão dos colegas Augusto Lira (que se transferiu em 1948 para o Rio de Janeiro) e Gilberto Lenoir Dias. Completamos o quadro de 11 republicanos com os primos de João Sabino, Salvador e João Antônio, incluídos Gouveia e Dinancy e o pretendente à Escola Técnica, apelidado de Zé Chapéu, conterrâneo de Sabino, que, pela condição humilde, não pagava a mensalidade e, em troca, fazia faxina e ajudava a cozinheira, Zefa.

Curso Universitário na Escola de Minas de Ouro Preto (1946 – 1951)

A Escola de Minas foi criada em 1876 por influência de Dom Pedro II, entusiasta da mineralogia. Em seus contatos com a Escola de Minas de Paris, foi-lhe sugerido o nome do cientista Claude Henri Gorceix para criar escola congênere no Brasil. Após aceitar o convite de Dom Pedro II, Gorceix pesquisou sítios para instalar um

curso superior de ciências minerais. Após exaustivos trabalhos, optou por Ouro Preto, província mineral de extração do ouro desde a colonização do Brasil, pela audácia dos bandeirantes comandados por Fernão Dias Paes Leme.

A turma de 1951, constituída por oito alunos que ingressaram no vestibular de 1946, acrescida por colegas transferidos de outras escolas e repetentes, foi a 75ª da Escola de Minas. Juntamente com a turma de 1948, fomos a segunda maior turma, com 21 formandos.

Como fatos marcantes da trajetória universitária, cito, entre outros, a greve de 1947. Cursávamos então o 2º ano, turma comandada por grupo veterano, baseada na chamada Lei Sete (Lizete, para o Diretório Acadêmico), estribada na modificação do processo de aprovação.

Por solidariedade, eu e meus colegas pifpafianos apoiamos a greve, que durou três meses (de maio a agosto) e resultou em sonora derrota para todos, especialmente para os terceiranistas com dependências em Química Geral, Física e Mecânica Racional, matérias ministradas no segundo ano.

Para a recuperação do tempo perdido, a Congregação preparou uma maratona de trabalhos nos meses restantes, que resultou em enorme reprovação e na transferência de cerca de 30 alunos para outras faculdades, inclusive para o nascente Instituto Tecnológico de Aeronáutica.

A matéria que mais concorreu para o êxodo dos estudantes foi a Química Geral, que a maioria dos segundanistas abandonou

para tentar aprovação nas outras cadeiras, relegando a disciplina para segunda época.

Em resumo, nos exames vagos constantes de provas escritas e orais em primeira e segunda época, somente foram aprovados João Sabino, em primeira, e mais quatro, entre os quais Heitor e eu, em segunda.

A Pif-Paf, inaugurada em abril de 1946 na Rua Ouvidor, em sorteio da Casa do Estudante de Ouro Preto, foi aquinhoada com nova residência no Pilar, com isenção do aluguel. Neste ano de 2019, completou seu 73º aniversário de fundação com plêiade de mais de 100 engenheiros graduados na Escola de Minas.

República Pif-Paf

Trote ao Dinancy

Fernando Homem resolveu combinar com os demais membros da Pif-Paf um trote ao republicano conhecido como Baixote. À noite, quando o relógio do Museu da Praça Tiradentes tocasse as 12 badaladas da meia-noite, Fernando bateria com um cabo de vassoura no teto do quarto do Dinancy e todos nós fingiríamos não ouvir o barulho. Assim foi feito. Dinancy, ao relatar o fato aos companheiros, foi dissuadido da realidade. Alguns ainda brincavam dizendo que o ruído seria uma advertência do fantasma que rondava as casas assombradas de Ouro Preto. Após mais uma brincadeira, Fernando acrescentou às batidas, com voz abafada por máscara, um pedido a Dinancy, de uma alma penada, para que abrisse a Bíblia na parábola x, versículo y, e que rezasse por ela. Dinancy simplesmente obedeceu ao pedido e, abalado com a sequência do problema, resolveu levar ao local um benzedor famoso na região para espantar o fantasma que o estava atormentando. Foi então que, após tal visita, resolvemos mostrar-lhe, com detalhes, a sequência da brincadeira, o que afastou em definitivo a assustadora aparição do fantasma.

Trote dos calouros em 1946

Ao regressar de Três Corações para reiniciar os estudos, em março, houve o tradicional trote. Fernando Homem, um dos qua-

tro fundadores da República, levou para o almoço do dia uma garrafa de Kimel, bebida alcoólica doce. Fiquei inteiramente grogue, passei mal com a comida misturada com a bebida e caí direto na cama. Assim, fiquei livre da brincadeira. Levantei-me ainda meio tonto, quase à hora do baile no Centro Acadêmico, com o cabelo raspado pelos colegas, e ainda pude participar da festa.

No velho centro, situado na Rua São José, dancei com algumas garotas. Lá não estava Haidée, que veio a ser minha esposa.

Encerrado o primeiro semestre do ano letivo, fui para Três Corações passar as férias no mês de julho e regressei a Ouro Preto em princípio de agosto.

Problema com o Professor Taft, em 1946

Cursei o primeiro ano, em 1946, com ótimas notas na cadeira de Física. Na segunda prova parcial obtive a nota 9,5, resultado que me tornou apto a alcançar a média 7 nas duas últimas provas sem a necessidade de fazer o exame oral no final do ano.

Na terceira prova havia um colega, que depois se transferiu para a UFMG de Belo Horizonte, cujas notas estavam baixas, o que o levaria para a chamada "bitolinha", com média abaixo de 4. Como me pediu ajuda, ao resolver o primeiro problema copiei a solução em uma pequena caderneta. Ao entregá-la ao colega, o professor Taft, ao fazer o trajeto entre as carteiras, repentinamente se virou, pegou-me em flagrante e imediatamente nos expulsou da prova.

Nesse exame minha nota foi 2 pelo problema resolvido, então fiz o exame oral. Durante a prova estava vacilante e com receio de ser reprovado, mas senti um grande alívio ao ser autorizado a sortear o ponto. Saí-me muito bem no exame e parti para as férias em casa. Passei por média em Cálculo e Geometria Analítica e no exame oral de Descritiva.

Atuação como estudante nas entidades de classe

1946 Representante de turma no Diretório Acadêmico
1948 Presidente da ADEM – Associação Esportiva Escola de Minas
1949 Presidente da LEO – Liga Esportiva ouro-pretana
1950 Presidente do CAEM – Centro Acadêmico da Escola de Minas

Presença nas festividades do aniversário da Escola de Minas – 12 de outubro

Fui liberado pelo Dr. Schettino para, com o ex-aluno de 1940 Murilo Abreu, comparecer às festividades de 12 de outubro de 1952, quando me encontrei com a noiva Haidée.

Posteriormente, a partir de 1957, quando viemos morar em Belo Horizonte, participei de várias comemorações, que totalizaram um número superior a 40 festividades. Efetivamente, de 1988 a 2018, somente faltei em 1986, na comemoração dos 35 anos em

Diamantina, e em 2012, por ocasião do casamento do meu neto Henrique, em Maceió.

Comemorações realizadas de cinco em cinco anos pela turma de formandos de 1951

Primeira comemoração

Foi realizada após 25 anos de nossa formatura, no ano de 1976, em Belo Horizonte. Houve um jantar no restaurante panorâmico da Avenida Churchill, com a presença de 19 colegas e as respectivas esposas.

Segunda comemoração

Ocorreu em 1981, em Belo Horizonte, quando celebramos 30 anos de formados. No sábado, nos reunimos no Clube Charlé, da SME, a convite do sócio João Sabino. Jogamos uma partida de futebol de campo com alguns filhos dos colegas.

Terceira comemoração

Festejamos os 35 anos de formados em Diamantina, no ano de 1986, por solicitação do colega Aécio Ronald Gomes da Costa. A viagem teve início no Rio, com a incorporação dos contemporâneos Olaf Schimdt, Antônio Buchaul e de geólogo primo do Aécio, com as respectivas esposas. Lembro que Leda Tomás brincou muito com Pedro Castro, que foi o único colega a se separar e contrair

novas núpcias. Ele se casou com Sônia, de origem japonesa. Ficamos hospedados em uma pousada um pouco distante do centro. Visitamos igrejas, museu, a Praça JK e o sítio do Aécio, onde nos deliciamos com frutíferas jabuticabeiras. Jantamos no Clube Social, em animada noite dançante.

Quarta comemoração

Celebramos os 40 anos de formados em Rezende, Rio de Janeiro, no ano de 1991, por sugestão de Heitor Tomé. Houve uma animada reunião na pousada turística "Agulhas Negras", com a presença de cerca de dez casais.

Quinta comemoração

Ocorreu em 1996, em Belo Horizonte, passados 45 anos de nossa formatura. Houve um jantar festivo na residência de Domingos Lanna. Seguimos para cumprir o roteiro tradicional em Ouro Preto.

Sexta comemoração

Celebramos os 50 anos de formatura em Ouro Preto, em 2001. O encontro contou com a presença de 12 casais, e nos hospedamos na pousada Casa Grande, nas Lajes. Em combinação com a direção da pousada, fizemos uma bela serenata até a madrugada com o apoio do violonista Dodô, nosso bedel de desenho, acompanhado por um violonista seu amigo. Após a sessão solene e agraciados com escudo de ouro, participamos de um jantar dançante ao som de uma orquestra de Belo Horizonte. Tivemos ainda a oportunida-

de de convidar para a foto do grupo o mais antigo engenheiro da EMOP, formado em 1926, Dr. João Batista de Campos Paiva, com 103 anos.

Comemoração de 50 anos de formatura da turma de 1951.
Presença do professor Kruger e do ex-aluno João Batista de Paiva.

Meus filhos me fizeram uma surpresa: prestaram-me uma tocante homenagem, na Pif-Paf, e distribuíram camisetas com minha caricatura na frente e o resumo da minha história de vida nas costas. Além disso, fizeram um belo acróstico com o nome Geraldo e o expuseram no muro divisório da República, para que fosse lido por grande número de colegas de turma, ex-alunos e alunos da Pif-Paf.

Comemoração dos 50 anos com a família

Sétima comemoração

Ocorreu em Belo Horizonte e Ouro Preto, em 2006, quando celebramos 55 anos de formados. Repetimos a comemoração normal na cidade de Ouro Preto, com visita à Pif-Paf. Após, participamos de um jantar de congraçamento em Belo Horizonte.

Oitava comemoração

Em 2011, celebramos 60 anos de formados em Belo Horizonte e Ouro Preto. Novamente, após reunião tradicional em Belo Horizonte, houve uma festividade organizada pela EMOP no Centro de Convenções, com a outorga dos escudos de ouro relativos às nossas Bodas de Diamante, seguida de um jantar dançante.

Nona comemoração

Festejamos os 65 anos da nossa formatura em Ouro Preto, no ano de 2016. Com um pequeno grupo de cinco colegas e as respectivas esposas, nos hospedamos na Pousada Arcanjo, dos ex-alunos Antônio Geraldo e Abdo, onde nos reunimos à noite para um jantar, realizado no próprio hotel.

TRAJETÓRIA NOS ESPORTES

Início da minha carreira futebolística em Ouro Preto

Estreei no time Vinte Unidos em agosto ou setembro de 1945, quando frequentava o curso para o vestibular de 46, fazendo dupla de ataque com o famoso craque Carlyle Guimarães. No final do ano, o empresário e grande amigo José Fortes criou o Tabajaras em sucessão ao Vinte Unidos, no qual joguei até o final de 1947.

Primeiro aniversário do time do Tabajaras, em outubro de 1946. Fazia parte do elenco o jogador Carlyle, que brilhou no Atlético, no Fluminense e na Seleção Brasileira.

Fundação da ADEM – Associação Esportiva Escola de Minas e da LEO – Liga Esportiva de Ouro Preto

Nos idos de 1946, quando iniciava meu curso, foi criada a entidade esportiva da Escola de Minas (ADEM), que teve como primeiro presidente Severiano Moraes Sarmento, grande jogador de vôlei, basquete e incentivador do futebol.

Em 1948, após o colega Domingos Lanna ter atuado como presidente, assumi a presidência da ADEM. Em setembro do mesmo ano, liderados por Walter Valadão, professor de Educação Física da Escola Técnica e de colégios de Ouro Preto, e com o apoio de Lanna, organizamos o Estatuto da Liga Desportiva Ouro-pretana (LEO).

Foto da vitória por 4x1. Esquadrão da ADEM: a meu ver, o melhor time de Ouro Preto no período 1946-1949, vice-campeão da LEO em 1948. Em pé: Valdo, Misk, Aécio, Nilo, Marzano e Guilherme. Abaixados: Antomar, Caetano, eu, Ilder e Pedro. Técnico: Domingos Lanna

Convocados os presidentes dos times Tabajaras, Guarani, Eletroquímica, Tuiuti (time da 4ª Cia de Comunicação), da Escola de Farmácia e dos Colégios Arquidiocesano e Alfredo Baeta, foi organizado o primeiro campeonato, com duas chaves de quatro times. Na chave da ADEM, em jogos únicos, eliminamos por 3x2 o Tuiuti e o Arquidiocesano. Na outra chave, o Eletroquímica saiu vencedor contra o Tabajaras, o Guarani e o Colégio Baeta.

Classificadas a ADEM e Eletroquímica para melhor de três, vencemos o primeiro jogo facilmente por 4x1; no segundo jogo, terminamos o primeiro tempo com 1x0, quando repentinamente ocorreu uma tempestade jamais vista por nós. Por consequência, não permaneceu vivalma no campo de futebol. Nosso técnico, Domingos Lanna, e nós, jogadores, deveríamos ter solicitado ao juiz que transferisse o segundo tempo para outra data. Nosso time, bem superior no toque de bola, foi massacrado pelo time mais pesado, com dois atacantes muito bons, pelo mesmo placar, 4x1.

Vencemos o Tuiuti e o Arquidiocesano por 3x2, antes dos jogos 4x1, e, como artilheiro, somei seis gols.

O fato de a terceira partida ter sido marcada para as vésperas das provas no final de novembro nos levou a um certo desânimo e à derrota por 2x1 (foi o único jogo no qual não marquei gol).

O futebol, ao longo da história, prodigaliza tais resultados. Sem querer comparar, recordo-me da final do Campeonato do Mundo de 1950, quando assisti, no Maracanã, ao massacre do Brasil 7x1 Suécia, Brasil 6x1 Espanha, e a incrível derrota Uruguai 2x1 Brasil.

Inversamente à perda de 1948, em 1949, mesmo com início irregular e a ADEM sem quatro dos titulares – Nilo, como técnico, foi substituído por Abdias; Marzano e Caetano, formados em 48, foram substituídos por Portela e Antomar ou Damasceno; e eu, devido a acidente nas férias em Três Corações, foi substituído por Enéas – a ADEM sagrou-se campeã juntamente com o Guarani.

O torneio foi disputado com dez clubes, com a entrada da Escola Técnica e Torpedo em dois turnos, ao fim dos quais a ADEM e o Guarani terminaram à frente, empatados. Houve o jogo decisivo, com 2x2 no tempo normal e prorrogação 0x0. Não havia no regulamento cláusula de decisão pós-prorrogação, com batida tradicional de cinco pênaltis, e por essa razão a LEO declarou os dois times campeões. Na partida final, houve muito tumulto na torcida do Guarani, em muito maior número, com desafio para desempate no braço. Por tal razão, na assembleia final de 1949, a tese de saída da liga foi vencedora, com minha obstinada oposição, pois, ao me recuperar da operação do tendão principal do pé direito, certamente iria, com outros colegas adeptos do futebol, disputar por outras agremiações.

Em 1950 houve o jogo do combinado Escola e Colégios com o Itabirense, em Itabira. Fizemos um jogo, para mim, inesquecível. Perdíamos por 2x0 e, nos últimos 20 minutos, fiz os gols de empate, sendo o primeiro caído dentro da área e o segundo em cabeçada de um córner batido por Valadão. Joguei depois pela Escola de Farmácia e, em 1951, pelo Tabajaras, perdendo os dois torneios.

Os anos de 1950 e 1951 foram marcados pela saída de alguns

dos nossos jogadores para outros clubes, e a ADEM se desestruturou na área do futebol. Lembro-me apenas de dois jogos: da derrota de 3x1 para o time dos médicos do Hospital da Baleia de Belo Horizonte e da vitória esmagadora de 9x1 contra a Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, jogo em que consegui o recorde de toda a minha carreira: fazer seis gols.

Time de futebol (1946 a 1951)

Goleiros: Misk, Maohmé, Walmílio, José Vieira, Cássio e Caio.
Full-backs: Guilherme, Aécio, Ramiro, Pedro Rios, Tales.
Laterais direitos: Luiz D´Oliveira, Valdo, Carlito, Dairo.
Laterais esquerdos: Marzano, Portela, Valério, Alípio.
Centromédios: Caetano, Nilo, Abdias.
Pontas-direitas: Antomar, Damasceno, Pedro Varela.
Meias direita e esquerda: Gualberto, Ilder, Renato, Caetano, Olival, Almir, Alfredo, Janir, Luiz Geraldo.
Centroavantes: Eu, Enéas, Justino, Urbano, José Ignácio, Josafá, Darli.
Pontas-esquerdas: Ilder, Pedro, Portela, Chico Celso, Vinícius Marzano.

Houve outros jogadores entre 1952 e 1958. Estão vivos além de mim, Abdias, Caio, Valdo, Valério, Chico Celso, Tales, José Ignácio e Vinícius Marzano.

De 1946 a 1951, fui artilheiro da ADEM com um total de 17 gols, isso sem me recordar dos gols que marquei no campeonato da LEO de 1949, quando joguei somente durante o primeiro turno

devido a rompimento do tendão. Admito um total de 20 gols.

No Tabajaras, de setembro de 1945 a novembro de 1947, marquei seis gols em oito partidas, quando fui o artilheiro do time.

Time de vôlei

Time invicto, sem perder um set em todo período: Severiano, Schimit, Celso, Napoleão, Caio, Evandro Cingapura, Mário Cícero, Idalmo, Ângelo Afonso, Olival, João Nelson, Buchaul.

Time de basquete

Severiano, Schimit, Idalmo, Aécio, Ângelo Afonso, Mário Cícero, Justino e Camarão.

Adversários de vôlei e basquete

Colégio Arquidiocesano, Escola de Farmácia, Escola Técnica.

Comemoração do 70º ano da ADEM –Associação Desportiva da Escola de Minas, outubro de 2016

Com o contemporâneo Valério da Silva Fusaro, com o qual ainda joguei na ADEM no final do curso, em 1951, apoiei e liderei a comemoração, que constou da inauguração dos retratos dos quatro primeiros presidentes, a saber:

1946 Severiano de Moraes Sarmento;
1947 Domingos Sávio Teixeira Lanna;
1948 Geraldo de Almeida Fonseca;
1949 Abdias Veras Filho.

Foi programado pela diretoria um jogo amistoso entre os alunos atuais e os veteranos mais jovens no Estádio da Barra, com o lançamento das camisas novas autografadas, com as quais fomos contemplados.

Devido a um problema de saúde, não pude comparecer à festividade e fui representado pelo colega Valério.

Inauguração da nova sede do Centro Acadêmico da Escola de Minas, com presença do governador Milton Soares Campos e seu primeiro presidente em 1915, Luiz Orsini de Castro.

ASSOCIAÇÕES

CAEM – Centro Acadêmico da Escola de Minas

Foi fundado por ex-alunos em 1915, sob a presidência do futuro engenheiro ferroviário em São Paulo, Dr. Luiz Orsini de Castro.

O CAEM, com o Clube Comercial e o 15 de Novembro, era o ponto de encontro da sociedade ouro-pretana com os estudantes da Escola de Minas.

A sede, na Rua São José, era usada para as horas dançantes, aos sábados, e dava oportunidade aos estudantes moradores de repúblicas de se divertirem com jogos de baralho (king, bridge, canastra e truco) após o cinema do Salvador Trópia (Dodô), ou durante a volta da EMOP.

O CAEM foi também palco de namoros e casamentos com as moças carinhosamente chamadas de nativas, como aconteceu comigo e Haidée. Nós nos conhecemos em 11 de agosto de 1946, no tradicional "Dia do Estudante", quando teve início o namoro que nos uniu até os dias de hoje.

Na eleição da nova diretoria para o ano de 1950, que ocorreu em fins de 1949, era candidato o saudoso colega capixaba Olival Gomes Pimentel. Na última hora, um grupo me lançou à disputa.

Apaixonado por futebol, no dia da eleição dirigia uma reunião da LEO e não tinha intenção de presidir o CAEM, tanto que votei no Olival. Ao regressar à Pif-Paf, após encerrar o expediente

na LEO, recebi a notícia da minha inédita eleição, por um voto de diferença.

Pelo estatuto do CAEM, o presidente nomeava sua diretoria. Assim, convoquei para início do mandato, em março de 1950, os colegas Marco Túlio Viana como vice-presidente, Bourdot Dutra como tesoureiro, Tolstoi de Melo Zimbres como secretário e José Lourenço Mont´Alverne como orador oficial.

Iniciamos a gestão com foco na mudança da sede, já exígua à época, dando seguimento à meta principal das últimas diretorias.

Fomos bem-sucedidos ao procurarmos o ex-aluno benemérito Dr. Américo Renné Giannetti, Secretário da Agricultura, Comércio e Indústria de Minas do Governo Milton Campos. Solicitamos-lhe a cessão de algumas salas vazias da Coletoria Estadual, localizada na esquina da Rua Paraná com São José. Com o apoio do governador, Dr. Giannetti nos concedeu a posse dessas salas no segundo semestre de 1950. Como necessitávamos de nova mobília para a sede, solicitamos ao Dr. Teódulo Pereira, representante em Ouro Preto do ex-aluno Dr. Euvaldo Lodi, homem forte do Governo Federal, verba para confecção de poltronas, mesa de reunião e cadeiras do auditório. Devo citar que o projeto do mobiliário nos foi fornecido pelo famoso arquiteto Sílvio Barbosa, Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A inauguração foi programada para o dia 15 de novembro de 1950 e foram convidados o Sr. Governador Milton Soares Campos e seu secretariado, figuras gratas da sociedade de Ouro Preto e o Dr. Orsini de Castro.

Os colegas da Pif-Paf ajudaram a encerar os salões da nova sede e instalaram cadeira nobre da Congregação da Escola de Minas para o Sr. Governador.

Como presidente do CAEM, saudei o ilustre Governador, o Dr. Giannetti, e toda a mesa diretora. Mont´Alverne saudou o primeiro Presidente do CAEM, Dr. Orsini de Castro.

Em seguida, para brindar a sociedade ouro-pretana, terminamos a inauguração com um baile animado por orquestra local.

Roubo do famoso bolo

Foi sempre de praxe elegermos, como "Rainha dos Estudantes" do CAEM, moça da sociedade ouro-pretana. Na gestão em curso, foi eleita a Srta. Nazinha Abdo, irmã do colega Lincoln Walfrido Abdo.

O aniversário do CAEM, próximo ao dia 26 de outubro de 1950, foi comemorado no centro velho, e os salões e festejos foram organizados pela rainha e por suas amigas.

O dia marcado coincidiu com a chegada de comitiva do Conservatório Mineiro de Música, com plêiade de moças dirigidas por uma das suas mestras, que ficou hospedada no Grande Hotel de Ouro Preto.

Nazinha, sabendo do fato, solicitou à Diretoria do CAEM que não estendesse o convite à comitiva. A diretoria foi convocada para resolver o impasse criado entre a rainha e amigas e as expectativas dos sócios eram de que fossem também convidadas as garotas concorrentes às nativas na festa programada.

A solução que nos pareceu viável foi a de expor à chefe da delegação o problema criado pela intransigência da rainha e de suas amigas, que não desejavam a presença das concorrentes.

Estando a comemoração definida para sábado, as visitantes foram convidadas para uma domingueira no dia seguinte à festa da Rainha dos Estudantes, o que de fato ocorreu.

Houve reação dos associados do CAEM, com a alegação de que o presidente, já quase noivo de Haidée, não se empenhara em uma solução conciliatória.

Iniciada a solenidade, Nazinha, em nome da sociedade ouro-pretana, ofereceu ao presidente um lindo bolo, preparado com muito calor humano, que, em mesa apropriada, foi guardado no vestiário feminino.

Durante a valsa, as luzes se apagaram, problema que foi atribuído à Cia. Força e Luz, logo no dia do evento maior do CAEM. Na verdade, o golpe fora planejado. Assim que as luzes se acenderam, notou-se logo a ausência do bolo.

A notícia logo circulou e soubemos que alguns colegas levaram o bolo para a "República Vaticano". O que nos aliviou bastante foi a notícia de que metade do bolo fora levada ao Grande Hotel, para as visitantes.

Comemoração do centenário do CAEM, outubro de 2015

Como presidente das principais entidades dos estudantes da Escola de Minas entre 1948 e 1950, liderei campanha junto à Di-

retoria da Escola para comemorarmos as datas tão significativas de nossas vidas universitárias.

O centenário do CAEM foi solenemente festejado no auditório do Centro de Convenções da UFOP, com lançamento, pelo Correio Nacional, do selo comemorativo da importante data. A diretoria do CAEM organizou uma sessão solene, que tive a honra de presidir com o Diretor da EMOP, Issamu Endo.

Ao discursar, fiz ligeiro retrospecto de minha gestão, relembrando a inauguração solene da nova sede provisória, na esquina das Ruas São José e Paraná. Atualmente, o CAEM está localizada na Praça Tiradentes, ao lado do Palácio do Governador da antiga Vila Rica, berço da inesquecível Escola de Minas de Henri Gorceix.

F.G. – Fundação Gorceix

A F.G. foi criada por ex-alunos por iniciativa do emérito Dr. Amaro Lanari, em 1960, com marcante solenidade que contou com a presença do Presidente Juscelino Kubistchek, antes da inauguração de Brasília.

A entidade teve como meta principal do seu estatuto, aprovado na Assembleia inaugural, prestar apoio integral à Escola de Minas para contínuo progresso nos seus cursos de engenharia e investigações científicas para aprimoramento técnico de seus alunos, em busca da qualidade de seu desenvolvimento tecnológico em todas as áreas pertinentes.

Nos idos de 2004, sob a presidência de Cássio Damásio, houve a necessidade de substituição do representante do Governo de Minas, o ex-aluno Otávio Elísio Alves de Brito.

Consultando colegas da SEMOP Rio, o irmão José Ignácio sugeriu ao Cássio convidar-me, devido à minha constante ligação com a Escola de Minas e suas entidades representativas e pela facilidade de residir em Belo Horizonte. Aceitei o convite e fui empossado, com a aprovação do Sr. Governador Eduardo Azeredo, para fazer parte do Conselho Diretor.

Dois episódios marcaram minha modesta contribuição à F.G. nos mandatos de Cássio Damásio e Cristovam Paes de Oliveira. O primeiro se deu na eleição para a continuidade do mandato de Cássio. Havia, à época, queixa dos conselheiros, principalmente daqueles residentes em Ouro Preto, de ligação estreita de Cássio com o ex-reitor da UFOP Dirceu Nascimento, que reiteradamente desprestigiava a Escola de Minas, sob a presidência do ex-aluno Barbosa Godefroid. Candidatara-se para a disputa com Cássio o ex-reitor da UFOP e ex-diretor da EMOP, Cristovam Paes de Oliveira. A SEMOP Rio, apoiando naturalmente o seu representante Cássio, pressionava os conselheiros, como eu e Kleber Farias Pinto, em Brasília, temendo a derrota de Cássio, ex-aluno de tradicional família ouro-pretana, em virtude de notícias correntes em Ouro Preto. Eu e Kleber alertamos os saudosos colegas Newton Pereira Rezende e Antônio Carlos Moraes Sarmento da certa derrota de Cássio, que se manteve candidato até o dia da eleição. Na última ligação telefônica com Kleber, na minha presença, Cássio se conscientizou da

situação exposta e nos autorizou a abdicar da pretensão. A eleição transcorreu normalmente e fomos liberados para votar, com os demais conselheiros, na chapa encabeçada por Cristovam.

Transcorria a gestão de Cristovam, com o apoio das empresas com maior ligação com a Escola de Minas, tais como Petrobrás, por meio da NUCLEP, Vale, Novelis ex-Eletroquímica de Saramenha, entre outras, com oposição ferrenha de três ex-alunos sob a liderança do saudoso e polêmico Marcos Vasconcelos Bastos. Por intermédio dele e dos ex-alunos Valdo Albuquerque e Aldo Grossi, foi impetrada ação judicial contra a F.G. na reforma de seus estatutos por exigência do MEC – Ministério da Educação e Cultura, em Brasília.

Essa atitude trouxe sérios problemas à entidade, os quais tiveram início na própria justiça de Ouro Preto, o que levou a Diretoria a formar uma comissão de conselheiros em defesa do mandato. Aceitei a presidência da comissão com os conselheiros Orlando Euler de Castro, Romero Machado Corrêa e Eurípedes Palazzo, com o apoio jurídico da F.G., dirigida por Telma Queiroz. Após longo período de negociações, inclusive com o apoio de Kleber Farias Pinto, em Brasília, em 2012 conseguimos a aprovação do novo estatuto, que determinou como obrigação que a F.G. destacasse 20% de seu orçamento para aplicação em obras sociais em Ouro Preto e a definitiva derrota dos postulantes.

Entre as modificações estatuárias, houve destaque aos conselhos Consultivo, Fiscal e da Assembleia Geral.

SEMOP BH

A Sociedade dos Engenheiros da Escola de Minas (SEMOP) Regional de Belo Horizonte foi criada em 1973, na gestão de Luiz de Oliveira Castro, seguida pela de Josafá Moreira, em 1974, e pela minha, em 1975, com reuniões às quartas-feiras no restaurante do Minas Tênis Clube I.

Com poucas lacunas, houve continuidade da sua atuação até os dias atuais, com reuniões ainda às quartas-feiras, no restaurante do Minas Tênis Clube II.

Ao completar, em 2019, seu 46º aniversário, a SEMOP foi informatizada sob o comando de Fernando Villanova e tem alcançado o seu objetivo principal, qual seja, o congraçamento de ex-alunos para manter a tradição da Casa de Gorceix.

A associação não vive somente de amenidades e recordações dos anos passados em Ouro Preto, nas tradicionais repúblicas: há atualizações técnicas, com palestras ministradas a cada dois meses no salão próprio do Minas Tênis Clube II, por colegas em atividade profissional nas várias áreas da Engenharia.

As diretorias são eleitas anualmente junto ao Conselho Diretor, composto por engenheiros de formatura mais antiga e que se destacaram em suas atividades profissionais.

Jantares musicados fazem parte do calendário de congraçamento das famílias semopianas aos finais dos dois semestres.

As SEMOPs regionais representam a Associação "Holding" A3EM em Ouro Preto, com sede na antiga Casa dos Ex-alunos,

adquirida por cotas da família do professor emérito Odorico Medrado Rodrigues Albuquerque.

Anualmente, a A3EM, em Assembleia Ordinária, elege ex-aluno destaque em convênio com as SEMOPs regionais para ser homenageado nas festividades do 12 de Outubro do ano seguinte, em Ouro Preto. A SEMOP mantém, com a Escola de Minas e a A3EM, visitas em eventos principais patrocinados pela UFOP-EMOP em Ouro Preto e viagens de recreio a sítios e fazendas dos associados.

Fui distinguido com a honraria de engenheiro destaque no ano de 1989.

Comunidade São Mateus e Amoran

A Amoran foi criada pelos paroquianos da Igreja São Mateus, com o apoio do Sr. Vigário, Padre Expedito, nos idos de 1988.

Sob o comando do líder José Marques e de sua saudosa esposa Santinha, a associação teve como finalidade o apoio às reivindicações da comunidade do bairro Anchieta, principalmente no aspecto da segurança para seus moradores.

Em 1994, José Marques convidou-me para fazer parte da sua diretoria. Assim, dei-lhe minha contribuição como diretor financeiro durante 12 anos e cumpri mais um mandato de três anos de nova diretoria, sob a presidência de Saulo Jardim.

A primeira fase transcorreu com grandes dificuldades e re-

sultados palpáveis, traduzidos pela iniciativa de angariar em torno de 600 associados (famílias em residências e condomínios).

Alugamos uma casa na Rua Montes Claros e a vitoriosa campanha dos associados possibilitou adesão à causa de segurança com instalação, junto à sede provisória, de pelotão da Polícia Militar de BH para a fiscalização dos bairros Anchieta, Cruzeiro e Comiteco (hoje Bandeirantes), bem como a aquisição de quatro motos e uma viatura.

Por iniciativa do presidente, conseguimos comodato, em conjunto com a Funjobi, da atual sede pertencente à Associação Amas – entidade federal. No final da década de 1990, instalamos, após reforma do antigo prédio, a sede atual e o pelotão da Polícia Militar.

Durante muito tempo as motos circulavam pelos bairros rotineiramente, porém, após forte batida, o carro cedido nos foi devolvido como sucata. Após certo tempo, as motos deixaram de circular devido à alegação da PM da necessidade de alocar os policiais para outros bairros. No momento, continua a ocupação da sede apenas como captação de ocorrências e a fiscalização intensiva por viaturas especiais estacionadas próximas ao Shopping Anchieta.

VIDA FAMILIAR

Namoro e casamento com Haidée

A república Pif-Paf, na sua fundação, ficava quase em frente à casa de Dona Paulina, avó de Haidée, que cursava o 3º ano científico no colégio Alfredo Baeta. As janelas do meu quarto ficavam em frente à Rua do Ouvidor, e eu contemplava a moça encarregada de levar seus dois primos menores à escola. Ela transitava sem se virar para nossa casa, porém, no footing da Rua São José, trocávamos olhares nos primeiros meses do curso da Escola de Minas, em 1946.

Na hora dançante, no sábado, 11 de agosto, Dia do Estudante, Haidée, sua irmã Alaíde e amigos estavam no salão conversando e dançando. Em determinada hora, resolvi convidá-la a dançar um samba e, no bate-papo, permanecemos juntos até o final da festa. Descemos à sua casa e assim foi o início do romance até minha formatura em 15 de novembro de 1951, com a presença de meus pais, Estela e José Ignácio, Gilberto e Maurício.

Ao retornar a Três Corações nas férias de dezembro, após o breve namoro, Haidée, que havia terminado o científico, também foi em férias para Caeté, residência da sua família.

Julgava, por ser excelente aluna, que deveria se tornar professora em Caeté e, assim, certamente nosso namoro terminaria. Tive a agradável surpresa, ao regressar a Ouro Preto em março de 1947,

para cursar o 2º ano, de encontrar Haidée matriculada no curso da antiga e tradicional Escola de Farmácia.

Formatura de Haidée em 1949

O namoro, então, prosseguiu. Na minha formatura, com encomenda das alianças, papai Zequinha foi com mamãe Esbella à casa de Dona Paulina e, na ausência dos pais de Haidée, pediu-a em casamento.

No período de janeiro de 1952 a abril de 1953, tivemos três encontros rápidos antes do casório: em junho de 1952, em Belo Horizonte, quando fiz operação de sinusite; na festa do 12 de outubro, em Ouro Preto; e em final de semana em Salto Grande, no mês de janeiro de 1953.

Preparada a festa de casamento, parti de avião de Salto Grande e nos casamos na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, no centro de Belo Horizonte. Seguimos para o Rio de Janeiro em lua de mel e regressamos por Três Corações, para visita e apresentação de Haidée às famílias Almeida e Fonseca.

11 de abril de 1953

Nascimento dos filhos

No desenrolar do trabalho em setembro de 1955, pelo Consórcio Alanbra, já após o nascimento, entre 1954 e 1955, das filhas Marília e Maria Cristina, Dr. Braga me transferiu para Petrópolis para executar o túnel Grinfo do DNER, subcontratado à Cia. Metropolitana de Construções. No ano de 1956, nasceu Márcio.

Em 1957, Haidée estava novamente grávida. Chegando a Salvador após viagem de trabalho pela Sondotécnica e sem nenhuma possibilidade de estabelecer contato telefônico com a família, recebi um telegrama no hotel em que estava hospedado, no qual era solicitado o meu regresso urgente a Belo Horizonte. Despedi-me do Dr. Pichler e tomei no mesmo dia o primeiro voo para BH, tenso com a possibilidade de ocorrer algum problema no parto. Viajei seriamente preocupado. Ao desembarcar no aeroporto da Pampulha, liguei imediatamente para Dona Amélia e nossa conversa me deixou aliviado, pois soube que estava tudo bem. O nascimento de Maúde foi trabalhoso – Haidée contraiu o vírus da gripe asiática, que afetou a recém-nascida – mas o problema foi solucionado devido à dedicação dos médicos e de Darwin, às vésperas da formatura, que identificou um rapaz que se recuperara da febre e se prontificou a doar seu sangue com anticorpos, medida que, graças a Deus, salvou Maúde e permitiu a recuperação de Haidée.

Após o regresso da obra de Passa-Quatro, em meados de 1959, tivemos a alegria do nascimento de Marise, em 28 de dezembro daquele ano.

A família, já grande, continuou a crescer com a chegada de Maristela, em 2 de dezembro de 1963, e de Marcelo, em 26 de maio de 1967, completando a feliz e abençoada geração.

Aspectos relacionados à saúde e ao apoio familiar

Em Três Corações, recordo-me dos antigos médicos Dr. Sampaio e Dr. Ernesto (exímio operador). Em segunda etapa, tio Daniel e Dr. Aurélio Gazzola. No período universitário, tive o apoio do amigo médico Dr. Gerardo Trindade. Em Belo Horizonte, de 1959 aos dias atuais, tanto eu quanto Haidée desfrutamos do apoio dos médicos e mestres ginecologistas e obstetras: Dr. Lucas Machado, Lucas Filho, José Maria e Dr. Nereu de Almeida Júnior, gastroenterologista, e posteriormente do mano Gilberto, que foi sempre o consultor médico de toda a família, substituído pelos sobrinhos dedicados e carinhosos Gilberto, Ricardo, Cláudia, Ana Paula e Ivana, além da filha Marise, que supervisiona nossa saúde.

Na odontologia, contamos com o permanente cuidado da filha Maúde.

A grande união da família é representada pela dedicação dos filhos em todas as necessidades e, em especial, pelo convívio permanente da Tina.

Formatura dos filhos

Comemoramos com alegria a formatura dos filhos Marília, Maria Cristina, Márcio, Marise e Marcelo, na UFMG, Maúde, na PUC e Maristela, no Rio de Janeiro.

Casamento dos filhos

Marília e Euzébio casaram-se no religioso em 1976, na Igreja Santana. A recepção foi também no salão da Igreja.

Tina e Flávio casaram-se no religioso na Igreja do Menino Jesus, em 1979. A recepção ocorreu no salão de festas do edifício Campos Elísios, na Praça da Liberdade, onde residiam os pais de Flávio – Barão Herman Von Tiesenhausen e Dona Eunice Vivacqua Tiesenhausen.

Márcio e Júnia casaram-se no religioso em 1982, na Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem, e a recepção foi no Minas Tênis Clube I.

Maúde e Arlindo casaram-se no religioso, informalmente, em 1981, na capela do bairro do Clube Lareira, onde foi realizada a recepção.

Marise e Teinho casaram-se, informalmente, em 2014, em cerimônia na casa da Alameda dos Pinheiros, no Retiro do Chalé, celebrada pelos pais Geraldo e Haidée e Jomar e Ruth.

Maristela e Marcos casaram-se no religioso em Três Corações. A cerimônia foi celebrada pelo nosso amigo Padre Bueno, em 1984. A recepção foi no Clube dos Funcionários da Prefeitura.

Marcelo e Cristina casaram-se no religioso em 1994, na Igreja do Colégio Arnaldo. A comemoração foi na residência do irmão Maurício, na Pampulha.

Acompanhamento das façanhas das filhas em suas carreiras

Em 1984, quando Marília foi agraciada com o título de Segunda Cientista Jovem do Brasil, fui com Haidée, Maristela que estava grávida de Gabriel, José Ignácio e Nélia assistir à sua palestra sobre a pesquisa de plantas medicinais, em auditório no Rio de Janeiro.

Prêmio Jovem Cientista 1984

Compareci à homenagem prestada por um grupo seleto de autoridades na área do saber, pela Universidade Federal de Minas Gerais, na área de Química Orgânica, e à sua posse na Academia Brasileira de Ciências – área Química, no Rio de Janeiro.

Homenagem da UFMG a Marília

Posse de Marília na Academia Brasileira de Ciências

Posse de Marília na Academia Brasileira de Ciências

Posse de Marília na Academia Brasileira de Ciências

Em 2003, estive presente com Haidée, Eliana e Maúde para assistir à defesa de tese do doutorado de Marise sobre doenças infectocontagiosas, sob o comando da diretoria do Hospital Emílio Ribas, em São Paulo.

Defesa de tese da Marise em São Paulo com Haidée e Eliana (prima da Haidée)

Comemorações de aniversários, casamentos e bodas

Além das tradicionais reuniões em nossos aniversários e nos dos filhos, genros, noras, netos e bisnetos, em Belo Horizonte ou Sete Lagoas, Maceió, São Paulo e Rio de Janeiro, comemoramos Bodas de Prata em 1978, na residência da Vitório Marçola. Nossas Bodas de Ouro foram celebradas em 2003, no Minas Tênis Clube, em bela noitada, na qual nos reunimos em um jantar dançante com a presença de 408 amigos, entre os quais cerca de 120 pessoas das famílias Almeida Fonseca e Carvalho Oliveira Pedrosa.

Bodas de Ouro 2003

Bodas de Ouro 2003 – em companhia dos queridos netos

Em 2008, no Clube do Churrasqueiro, comemoramos Bodas de Diamante com outro belo evento, que reuniu em torno de 250 pessoas das famílias e alguns amigos.

Bodas de Diamante 2008

Em 2013, festejamos nossas Bodas de Platina – 65 anos de matrimônio – somente com o grupo familiar, no Hotel Pousada, em Itabirito.

Não posso deixar de mencionar viagens que fizemos para assistir aos casamentos dos netos Henrique, Tomás e Augusto, que ocorreram respectivamente em Maceió, no Rio de Janeiro e na Fazenda Ouvidor, em Goiás.

Comparecemos ainda aos casamentos dos sobrinhos de Haidée, em Goiânia (Elisa, Ana Lúcia e Denise); de Claudinha, Rodrigo e Ricardo, em Juiz de Fora; do Bruno, em Belo Horizonte; de Ana Maria, Patrícia e Biá, em Passa-Quatro; de Eduardo, em Campos; de Guilherme e Vinícius, no Rio de Janeiro; de Gigi e Cristina, em Belo Horizonte; do Leo, em Maceió; de Gilberto, Ricardo, Cláudia e Ana Paula, em Belo Horizonte.

Mencionarei também duas belas reuniões da Fonsecada em Três Corações. A primeira foi realizada na AABB, de propriedade dos sobrinhos Gilberto e Cláudia, com a presença de 170 pessoas; a segunda, na Fazenda da Cota, de propriedade das primas Inezinha e Lúcia, com a presença de aproximadamente 80 pessoas.

Zequinha

Zenda

Estela

Edgard

Maria

Miloca

Francisco

Nelson

Oswaldo

Ina

Chico

Dodora

Dalena

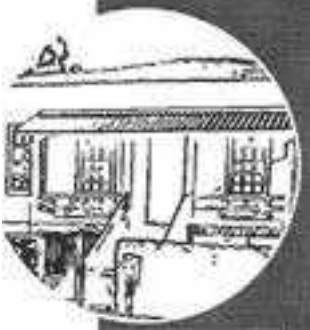
...Nós...

FONSECADA

Para celebrar a vida e eternizar nossos queridos ancestrais!

Hino da família Fonseca

Nós somos da família Fonseca
Em nosso peito batem três corações
Somos fortes, somos gente de valor
Somos unidos e repletos de amor!



Somos terras **férteis** cultivadas
Viola em **noite** enluarada
Gado no pasto, fruta no quintal
Café cheiroso e leite no curral

Fonseca **é** essência e raça
gentileza, **afeto** e devoção
Somos trabalho, arte e diversão
Alegria e coragem nos dão satisfação

Banho de rio, carro de boi, apito de **trem**
Lembranças que nos vêm
caboclo d'água e **assombração**
alegram o nosso coração

Nós somos **tantos** e somos um
A nossa vida é uma **forma** de oração
Nossa família é animada
Somos Fonseca com orgulho e emoção

Hino composto por Marise

Comparecemos às Bodas de Ouro de Ivete e Ruy, em Juiz de Fora, e de Maurício e Regina, na Serra da Piedade.

Participamos ainda dos casamentos dos irmãos Estela, José Ignácio, em Três Corações; Gilberto, em BH e Maurício, em Campanha.

Acontecimentos de frustração e regozijo

Compreendi de maneira categórica, em dois episódios da minha vida, que a mente comanda irremediavelmente nossos atos.

Frustração/1945

Já narrei os dois exames vestibulares que prestei em Ouro Preto e na UFMG, quando os enfrentei com absoluto descontrole emocional, principalmente o da Escola de Minas.

Regozijo/1945-1950

Considerava-me um futebolista regular e, com dedicação, assumi o primeiro time do Esparta, no colégio Santo Antônio, em uma posição (centromédio) que não era a que me dava prazer. Chegando a Ouro Preto em agosto de 1945, para novo vestibular, fui convidado a jogar em um domingo pelo "Vinte Unidos", sem qualquer treinamento e sem conhecer os jogadores e o técnico. Joguei na minha posição de meia-direita e ganhamos por 5x2 do time de Passagem de Mariana, com dois gols de minha autoria. A estreia vitoriosa me capacitou, sem falsa modéstia, a me tornar

ídolo do Tabajaras junto ao Carlyle, craque que, em 1947, foi brilhar no grande time do Atlético Mineiro.

Família da Haidée

Outro motivo de regozijo para mim foi receber como presente em meu relacionamento com Haidée sua querida família.

Elir (prima), Tina, Dona Amélia (mãe da Haidée), Haidée, Seu Zezé (pai de Haidée) e Marcelo

Irmãs de Haidée: Alayde, Ivete, Alda, Alair e Ângela

Homenagens recebidas

Da irmã Maria

Geraldo,
"Você é meu amigo de fé, meu irmão camarada."
"Esses seus cabelos brancos bonitos"
trazem tantas lembranças que os anos jamais
vão apagar.
No peito bate um
coração imenso, generoso,
acolhedor;
sem mágoas,
sem rancor.
A sua casa sempre
foi nossa casa.
Você e Haidée sempre
nos receberam
com muito carinho.
Sempre me senti acolhida
com muito amor.
Nossos pais, Zequinha e Esbella,
nos ensinaram que viver vale a pena.
Que a família unida pelas bênçãos de Deus
sempre será unida.

Você, Haidée, Marilia, Tina, Marcio, Maúde, Marise, Tela e Marcelo são especiais, estão sempre guardados no fundo do meu coração. Carinhosamente, Maria

Acróstico

Grande	**F**esteiro
Engenheiro	**O**bjetivo
Realizador	**N**otável
Atleticano	**S**eresteiro
Leal	**E**ncantador
Desportista	**C**ristão
Otimista	**A**migo

Comemoração dos 50 anos de formatura, na República Pif-Paf

Geraldo

Deixe-me falar-lhe de engenharia,
mas não desta,
onde se constrói pontes e túneis.
Quero dizer-lhe de obras realizadas
com a engenharia do coração e do amor.
Essas não se restringirão jamais a cinquenta anos,
mas sim, à uma eternidade de uma geração.
Os pilares por você erguidos,
em número de sete,
em consórcio com uma empreiteira,
que lhe deu e dá aconchego e carinho
tornam a cada dia mais sólidas
as fundações da obra a que se propôs a criar
por este teu caminho.

VIAGENS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Primeira viagem

Janeiro de 1966, pela Cia. Alambra, aos Estados Unidos e à Europa

Após a recuperação da empresa, com bons rendimentos na terceira etapa do Túnel Taquaril, de 1.780m, Dr. Braga programou uma viagem para os Estados Unidos e Europa, com duas finalidades:
1 – estudar com o projetista Mr. Schut, em Los Angeles, o esquema de revestimento do Taquaril com formas metálicas autoportantes em três módulos de 12m;
2 – ampliar os conceitos modernos de escavação de túneis em rocha, com novos equipamentos de perfuração nos testes dos Hydra-Booms, nos túneis de provas da Atlas Copco, em Estocolmo, capacitar a mim, Luiz Jacques e Waldemar Weisbort, representando Bandeira de Melo, firma representante de equipamentos de mineração e túneis, para progresso na administração das suas empresas. Acompanhou-nos na viagem o engenheiro do DNOS, projetista e gerenciador do projeto da Adutora Rio das Velhas, Orozimbo Barbosa. Posteriormente, em companhia do Dr. Braga e família, o engenheiro, chefe do escritório em BH, Harry Amorim, em Los Angeles.

Foi uma excursão longa e proveitosa, partindo de Nova York até Los Angeles, com visita à fábrica das carregadeiras pneumáticas Eimco Corporation, em Salt Lake City, visita à Universidade de

Palo Alto (Stanford), Escola de Minas em Golden, no Colorado, e inspeção de túnel com câmera de pressão e avanço automático, com macacos hidráulicos, em maciço decomposto com influência do lençol freático em Los Angeles.

Nos 25 dias de viagem aproveitamos os finais de semana para conhecer a cultura musical e os costumes da mocidade americana em Saint Louis, Las Vegas e Los Angeles.

Em continuidade, partimos para o roteiro na Europa, chegando a Londres num final de semana. Ficamos hospedados no Piccadilly Circus, com destino a Estocolmo, com programação previamente acertada com a direção da Atlas Copco pelo engenheiro cicerone. Após as citadas visitas ao túnel de teste em Estocolmo e à fábrica das famosas brocas "Coromant", em Sandwich, partimos com o cicerone em viagem ferroviária de 1.700km até a hidrelétrica de Seitevare, acima do Círculo Polar Ártico. Fomos recepcionados pelo engenheiro superintendente na estação de Yok-Mok e chegamos à obra à tarde, com temperatura negativa de 10 graus. Antecipando

Foto do evento cultural em Estocolmo

a recepção com lauto jantar e fartas bebidas e músicas, em reunião com o corpo diretivo da obra nos foi transmitido minuciosamente o projeto da hidrelétrica. Em seguida, partimos para a instalação de sauna a vapor com os colegas suecos e, após 10 a 15 minutos do processo, acompanhamos os engenheiros, rolando nus no ambiente gelado. Antecipando o jantar, disputamos partida de bilhar no Clube Social com engenheiros canadenses visitantes, da qual saí vencedor, relembrando os tempos de entusiasta do jogo de sinuca em Três Corações e no início do curso em Ouro Preto. A direção da obra programou, após café da manhã às 7 horas, visita à obra, que se tratava de um grande túnel em rocha, já com o emprego das novas perfuratrizes hidráulico-pneumáticas e barragem de concreto.

Regressando a Estocolmo, seguimos para a Dinamarca com destino a Oslo, para visita ao escritório de empresa projetista e, posteriormente, visita a outra usina hidrelétrica na Cidade de Gol. Na chegada a Oslo, na noite de sábado, não conseguirmos hospedagem em hotéis da cidade e fomos encaminhados a um escritório, onde nos explicaram que estava ocorrendo um torneio de esqui nas montanhas em torno da cidade, daí a falta de acomodações disponíveis, e nos indicaram uma residência no subúrbio para nos instalarmos.

Em Estocolmo, alugamos um pequeno carro, com o qual atravessamos de ferry-boat o canal até Copenhague, cidade linda, onde passamos o dia visitando os belos parques. Fomos, em seguida, para Oslo.

Ainda em Estocolmo, antes da viagem para Seitevare, o cicerone nos levou a um evento cultural de teatro. Por coincidência, as

atrações eram o acordeonista Sivuca e a cantora africana Miriam Makeba. Sivuca foi convidado a se sentar conosco e desfrutar um bom whisky, assim batemos um bom papo com o conterrâneo.

Terminada a jornada na Noruega, partimos em regresso para Paris, onde nos hospedamos na Avenida Champs-Élysées e visitamos o famoso cabaré Lido, retornando em seguida ao Brasil.

Segunda Viagem

Pela EPC – Engenharia, Projeto e Consultoria

Em 1974, houve uma excursão de profissionais de obras subterrâneas, liderada por equipe de São Paulo e alguns engenheiros radicados no Rio. Tomei conhecimento desse fato e propus à diretoria da EPC que me incluísse na delegação que participaria do Congresso de Mecânica de Rochas Aplicada a Túneis em Salzburg, na Áustria.

O Congresso teve como finalidade homenagear o grande mestre Ladislaus Von Rabcewicz, criador da nova tecnologia baseada na interação das propriedades intrínsecas dos maciços rochosos com a técnica de revestimento, anteriormente com base em conceitos de Terzaghi, com concreto armado injetado em fôrmas de madeira ou metálicas. O método empírico, após longas e bem-sucedidas experiências de laboratório a partir da década de 1950, ficou mundialmente conhecido como NATM – *New Austrian Tunneling Method*.

Preparando-me para a viagem, contatei o representante da firma austríaca Aços Boeller, em BH, cujos marteletes pneumáticos fui o primeiro a adquirir no Brasil, na época em que dirigia a Braenco e a Cia. Alambra. A Boeller enviou junto à comitiva um representante e, às minhas custas, levei Haidée na viagem, importante para a minha carreira e da EPC. O congresso teve a duração de uma semana, incluindo visita a importante obra, projetada pelo grupo Rabcewicz, do extenso túnel do TAUERN ligando a região alpina da Áustria à Itália. Durante a estada em Salzburg, a Boeller, gentilmente, após os debates do congresso e ciceroneados pelo seu representante, levou-nos aos melhores restaurantes da cidade com variados menus de comidas típicas, com ênfase nas deliciosas sobremesas.

Aproveitei o final do congresso e visitamos Viena, cidade das valsas de nossa juventude, e em seguida Paris, Madrid e Lisboa, regressando ao Brasil após 20 dias de excursão.

Em Paris, visitamos a casa noturna Crazy Horse, com lindas modelos. Em Madrid fizemos compras, inclusive de capote para frio. Em Lisboa, de táxi, fizemos a travessia da ponte sobre o Rio Tejo.

Do relatório técnico do congresso resultou o interesse do Presidente do Conselho da EPC, Homero Schettino, em solicitar que eu formulasse um pedido ao mestre Rabcewicz, para que ele indicasse engenheiro experiente no novo método para ministrar aulas para nosso corpo de engenheiros de túnel que projetava a duplicação da EFVM para a CVRD, entre Itabira e Vitória, e verificasse a possibilidade de participar do projeto em estudo da Ferrovia do Aço ligando Belo Horizonte ao Rio e a São Paulo.

Organizei um resumo do possível número de obras subterrâneas, seus maciços geológicos e dimensões, e enviei telegrama ao mestre, que respondeu de imediato: "Tendo em vista o vulto do empreendimento, proponho que eu vá ao Brasil reunir-me com a EPC." O convite foi enviado também com a anuência da Transcon, líder, à época, da diretriz do traçado da grande ferrovia.

Dr. Rabcewicz, durante uma semana com cada empresa, transmitiu-nos a nova técnica em reunião comigo, Homero Schettino, José Wilson, Felício Nassif e o tradutor, engenheiro Artur Ramos. Visitamos os dois locais das obras mais complexas executadas pela Cia. Alambra (Túnel Taquaril) e ramal da CVRD (Fazenda Alegre-Fábrica Ferteco), explanando ao mestre os problemas mais complexos enfrentados pela Convap e pela Cia. Alambra. Recordo-me, no caso Taquaril, de que o mestre, em virtude do grande fluxo d´água e da estrutura das rochas filíticas, quartzíticas e dolomíticas, concordara que seu método não teria eficiência na situação exposta, mas tão somente após a consolidação, executada à época com injeções de soluções químicas de silicato e bicarbonato de sódio.

Terceira Viagem

Suíça

Surgiu após o NATM uma técnica, introduzida pelo engenheiro Bernold, para escavar túneis em maciços decompostos por um sistema de cravação de estacas metálicas acionadas por mecanismos

eletromecânicos. Essa técnica teve alguma aplicação em São Paulo, porém pouca eficiência se comparada ao NATM.

Por convite do representante de Bernold, fui à Suíça com Haidée em viagem rápida, representando a EPC, e visitei, com gentil casal de anfitriões da empresa, túnel na região dos Alpes Suíços.

Regressando ao Brasil, fiz o relatório para EPC, mas não nos entusiasmamos com o novo conceito e optamos pela técnica do NATM em projetos novos, com o apoio de engenheiro Erik Hackel, que em 1978 nos assessorou com o grupo Sérgio Brito, José Wilson e Felício, sob meu comando, na obra do túnel "Marinhos", da CVRD, no complexo Bação, além de instrumentação da escavação do emboque do túnel em hidrelétrica de emborcação da Cemig, por solicitação do engenheiro Otávio Areas.

Quarta Viagem

11ª Copa do Mundo em Barcelona, 1982

Entusiasmado com o time brasileiro, que tinha Telê Santana como técnico, além de famosos craques, entre eles Zico, Sócrates e os atleticanos Eder, Luizinho, Paulo Isidoro e Toninho Cerezo, programei uma excursão com a firma Brimpex e levei Haidée nessa bela viagem, porém frustrante, pois perdemos a Copa.

Com grande grupo de brasileiros e argentinos, após nos recusarmos a ficar hospedados em um hotel velho e mofado, ficamos alojados em um balneário no Mediterrâneo, a 30km de Barcelona.

As semifinais e a final da Copa foram definidas na fase preliminar, classificando dois fortes grupos: Itália, Brasil e Argentina; Alemanha, Holanda e Bélgica. Brasil e Itália venceram a Argentina no estádio do Sarriá Espanhol por 3x1 e 2x1, e a semifinal teria o Brasil vencedor com simples empate. Com o campo lotado, mesmo tendo adquirido ingressos para a arquibancada, tivemos que assistir ao jogo em uma geral atrás de um dos gols em bancadas sem encosto, o que suscitou nossa revolta sem êxito até a chegada ao Brasil, com consequente desconto, pela empresa de turismo, dos valores pagos anteriormente. Foi um jogo emocionante, com os dois times atuando com grande técnica, culminando com a vitória da Itália por 3x2.

Após a derrota, continuamos nosso périplo por um belo e longo trajeto. Na Itália, ficamos hospedados em Roma, após estada em Salzburgo, Áustria. Visitamos o monumental Coliseu e conhecemos as belas fontes, entre elas a Fontana de Trevi. Fomos a Milão para conhecer o Duomo da Bela Catedral.

Passeamos por Veneza, onde nos encantamos com a Basílica de São Marcos e com o passeio noturno de gôndola. Além da bela Florença, fomos de ônibus a Nápoles, visualizando ao longe o vulcão Vesúvio, que destruiu Pompeia e Herculano em 79a.C. Fizemos ainda um magnífico passeio de barco às Grutas Azuis em Capri, no Mediterrâneo.

Visitamos ainda Atenas e as ruínas do Paternon, e fizemos um belo roteiro marítimo pelas Ilhas gregas de Rodes, Miconos e Santorini.

Depois, fomos para Istambul, na Turquia, passando pela antiga e bela ponte que une os grandes continentes Europa e Ásia. Após algumas compras no mercado, assistimos ao espetáculo "Dança do Ventre", em clube noturno.

Voltamos por Belgrado a Paris, onde estivemos nos palácios Versalhes e Louvre e assistimos a uma missa na Catedral de Notre Dame.

Passamos por Madrid e, após rápida escala em Lisboa, regressamos ao Brasil.

Quinta Viagem

Marília, após brilhante conquista em 1984 do Segundo Concurso do CNPQ-Rede Globo como Cientista Jovem do Brasil, fizera jus a estágio de dois anos na Inglaterra. Para lá partiu com Euzébio, em 1987, deixando conosco Henrique e Tomás, com 4 e 3 anos à época, até se estabelecerem com casa alugada em subúrbio da capital inglesa.

Em seguida, levei os netos ao Rio e os embarquei ao encontro dos pais, via Paris, com assistência da comissária de bordo da empresa aérea.

Marília solicitou a presença de Haidée, que seguiu para a Inglaterra em julho de 1989. Fui encontrá-las durante as minhas férias, no mês de agosto do mesmo ano.

O casal alugou então uma casa de madeira no roteiro turís-

tico na Escócia e lá ficamos por cerca de dez dias conhecendo a antiga e bela capital, Edimburgo. Voltamos a Londres e, com a facilidade do sistema de metrô, visitamos o centro comercial. Tivemos como companhia duas senhoritas brasileiras que estavam hospedadas com o casal enquanto estagiavam e trabalhavam em lojas, pois tinham o desejo de desenvolver o aprendizado em inglês. Com Marília e Euzébio, fomos a belo concerto no Conservatório Metropolitano de Teatro.

Visitamos o célebre museu na Trafalgar Square, principal praça no centro da cidade, cujo nome celebrava a batalha vitoriosa da marinha britânica.

Aproveitando a estada de um mês em Londres, visitei com Haidée os países baixos Bélgica e Holanda, respectivamente Bruxelas e Amsterdam, e a cidade museu em miniatura, "Maduro Dam", com cenas magníficas do movimento de uma cidade com seus parques, vias rodoviárias e férreas, museus, etc.

Regressamos ao Brasil do aeroporto de Heathrow direto para o Rio/BH, no final de agosto de 1989.

Viagens de Férias com a Família no Brasil

Durante a infância, puberdade e vida universitária dos filhos, tivemos oportunidade de viajar em férias com a família somente a partir de 1964, quando pude tirar as primeiras folgas remuneradas após o casamento.

Entre 1957, quando regressamos de Petrópolis, até 1964, as viagens pré-escolares se restringiam à casa de meus pais em Três Corações, com passeios constantes à Fazenda Retirinho. Nas viagens, quase sempre com a Veraneio Chevrolet, Haidée ficava em Três Corações com os filhos pequenos, enquanto eu regressava às lides em Belo Horizonte.

Em 1964, conforme dito, passamos as férias no Rio de Janeiro com os seis filhos – sem o caçula, Marcelo, que só nasceria em 1967 – e a amiga família do Sr. Elias Albaine, cujos filhos nasceram em Três Corações.

Passeamos muito e ficamos hospedados na casa da Rua 24 de Maio. Passamos uma tarde nadando com os menores na Ilha do Governador e o restante do tempo com as filhas do Sr. Elias, já viúvo de Dona Rosa. À exceção de Georgina, dona de casa, todas trabalhavam no comércio do Rio, além do dedicado médico Diogo, que atendia, como clínico, à família Bebiano e ao seu time, Botafogo, além de manter um consultório no bairro Méier.

A fase de trabalhos nas empresas Braenco e Alanbra foi de grande dedicação. Entre 1959, com a vinda definitiva para BH, e minha saída voluntária em 1972, continuamos a levar os filhos

adolescentes a Três Corações e a fazer visitas eventuais a Passa-Quatro, onde ficávamos hospedados na casa da irmã Estela e de seu marido, Paulo de Lucca.

Durante o período em que dirigi o escritório da Cia. Alambra, passamos três férias em Cabo Frio no apartamento da empresa e levamos conosco a sobrinha Claudinha. Fomos também a Marataízes, praia conhecida como dos "mineiros", no Espírito Santo.

A mudança de rumo para o trabalho na EPC, a convite do grande amigo e orientador do início da minha carreira profissional em Salto Grande, Homero Schettino, propiciou-me a oportunidade de viajar com a família conhecendo várias regiões do Brasil.

Na nossa primeira grande excursão, fomos ao Paraná e a Santa Catarina, em 1974, com a Chevrolet Veraneio, adaptando novo banco e transferindo o bagageiro para o capô do carro.

Visitamos Foz do Iguaçu, a partir de uma parada em Ponta Grossa, e, em seguida, passamos uma semana em Camboriú, praia turística ainda em desenvolvimento em Santa Catarina. Fizemos ainda um passeio ligeiro a Blumenau e Joinville.

Durante as férias dos filhos em julho de 1972, quando dirigia as obras de poços e galerias na Usina Canal de São Simão para a Cemig, ia nos fins de semana para a casa de Darwin e Alair, em Anápolis, onde ficaram Haidée e os filhos.

Ainda em 1972, fizemos uma viagem para Araguaia, em Goiás. Saímos de Goiânia e enfrentamos um trajeto difícil, por desconhecermos a estrada, e chegamos à tardinha no hotel de temporada. Saboreamos refeições deliciosas, com muitos peixes pescados no

Rio Araguaia, que banhava a pousada. Havia ligação do hotel com a Ilha do Bananal, que pretendíamos conhecer, mas deixamos de visitá-la devido à falta de acomodações no pequeno avião.

Em 1976, durante as férias de julho, fomos visitar Marília e Euzébio em Maceió. Ficamos hospedados em sua pequena residência no Campus da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Os filhos ficaram em outra casa, providenciada pelos anfitriões.

Fizemos uma viagem pelo Nordeste do Brasil a partir de Maceió, onde estávamos em visita a Marília e Euzébio, ocasião em que Dona Amélia nos fez companhia. Fomos com a Veraneio e o carro do Euzébio, e antes do destino, Fortaleza, fizemos paradas em Recife e Natal (pousada à beira-mar). De Natal, falei com o colega Mont'Alverne, em Fortaleza, sobre indicação de hotel para a família, que contava com cerca de dez componentes. Gentilmente ele conseguiu nos alojar gratuitamente no hotel da empresa Itapemirim, concessionária do DNER para transporte interestadual.

A família de Monte, como o chamávamos, nos recebeu carinhosamente. Durante a estada de uma semana, todas as manhãs ele, a esposa, Maria Alice, e os filhos fizeram questão de nos oferecer substancioso café em sua residência, acrescido de jantar em família. Contatamos outro colega de turma, Abdias Veras, que nos levou ao seu sítio, próximo a Fortaleza, e a mais dois eventos: almoço saboroso com sua esposa Maria Aleuda, filhas, irmãos e amigos e jantar em belo restaurante na praia do Futuro, com serviço de deliciosa lagosta.

Em 1978, com a ausência de Tina, que estava estagiando, fomos a Porto Seguro e ficamos hospedados em hotel de turismo na parte elevada da cidade. Levamos mamãe Esbella e Arlindo, namorado da Maúde à época.

Lembro-me de que foi a primeira vez que mamãe entrou no mar, carregada pelo Márcio e por Arlindo, e fizemos um belo passeio, atravessando de balsa o canal que levava a Arraial d`Ajuda.

América do Sul

Com o casal Caio Leão – Maria José e Jovelino – Terezinha, visitamos Machu Picchu e suas antigas e belas estruturas do Império Inca no Peru. Passeamos de catamarã no Lago Titicaca, em contato com as belas lhamas e um grupo de índios em singela cerimônia de benzedura. Ficamos hospedados em Quito – tomamos, na chegada, o tradicional chá de coca, para combater o clima de grande altitude – e, posteriormente, na capital, Lima.

Numa segunda viagem com os mesmos amigos, visitamos Buenos Aires, com seu admirável espetáculo com os famosos dançarinos de tango no bairro La Boca. No Chile, visitamos a capital, Santiago, e fizemos um passeio a Valparaiso. Em Santiago, cidade ajardinada com belas avenidas, visitamos um museu antigo com trabalhos indígenas e o Palácio La Moneda, bombardeado por Pinochet no combate ao governo de Salvador Allende (apenas no seu exterior).

Na viagem a Foz do Iguaçu, com a família nuclear, dormimos em Ponta Grossa. Visitamos o Paraguai através da Ponte Internacional da Amizade, onde fizemos compras no mercado da cidade Del Este.

Nacionais

Fizemos uma viagem a Diamantina patrocinada pelo Minas Tênis Clube, com grupo eclético. Assistimos à bela exibição Diamantina em Seresta, à noite, na praça principal, e fizemos visitas às igrejas, à estátua e ao museu de JK e ao mercado central.

Outra viagem agradável foi à Serra Gaúcha, em Gramado, com um grupo de amigos do bairro Anchieta. Passamos uma tarde-noite em Curitiba, onde, em outra ocasião, visitamos a bela ferrovia Curitiba/Paranaguá, contornando os paredões dos maciços rochosos com sua série de grandes viadutos e túneis.

Fiz com Haidée uma alegre excursão a Araxá e nos hospedamos no Grande Hotel Termas de Araxá, hoje Tauá. À época, pertencia ao Governo do Estado, com seu tradicional banho de lama.

VIDA PROFISSIONAL

Excursões curriculares entre 1946-1951

Com mestres assessorando excursões, visitamos:

:: a mina de ouro de Morro Velho, em Nova Lima – mineração subterrânea da Cia. Inglesa com profundidade próxima de 2.000m, ventilada e com calor intenso, com o professor Washington;

:: a Cia. Siderúrgica Nacional, com o Dr. José Barbosa. Fomos recepcionados por Jair Carvalho, chefe da área de laminadores;

:: o sítio geológico de Gandarela, com jazimento de minério de ferro e manganês, com o professor José Carlos Ferreira Gomes, e poços de exploração de petróleo no Recôncavo Baiano, pela Petrobrás.

Do curso civil, visitamos, em 1950, as obras da hidrelétrica de Salto Grande executadas pelo Consórcio Alanbra – empresas Alcazan, Andrade e Braga. Fomos recepcionados pelos engenheiros civis da empresa. A Usina foi construída pelo Estado de Minas sob a iniciativa do ex-aluno Dr. Américo Renné Giannetti, secretário de Agricultura Indústria e Comércio do governo Milton Campos. Essa visita teve influência no início da minha carreira de engenheiro, contratado que fui pelo Dr. Custódio Braga Filho, ex-aluno da Escola de Minas da turma de 1936.

Estágios curriculares entre 1946-1951

:: Em janeiro de 1950, em companhia do colega Abdias Veras Filho, fiz estágio de mineração na mina Arroio dos Ratos, no Rio Grande do Sul, sob a direção do ex-aluno João Baptista Crespo de Aquino e gerência do engenheiro de minas Sinval. Acompanhamos a extração do carvão com as máquinas rafadeiras de corte e marteletes pneumáticos e carregamento manual de vagonetas tracionadas por locomotivas a diesel. Operários de origem italiana e alemã, anfitriões de bons churrascos de ovelha aos domingos, em reuniões festivas regadas a chimarrão, tornaram-se nossos amigos.

:: Estágio de Siderurgia na Cia. Ferro Brasileiro em Caeté, com produção de tubos de aço centrifugado. Nesse estágio uni o útil ao agradável, hospedado em residência da empresa. Todas as noites, após o jantar, caminhava até a residência do Sr. José de Oliveira, pai da namorada e quase noiva Haidée, durante o mês de janeiro de 1951, último ano do curso geral da Escola de Minas. Recordo-me que aprendi a realizar ensaios no laboratório de química da empresa.

O livro editado *Minha Vida Entre Túneis* expõe com certa minúcia o desenrolar da minha carreira até 2012.

Recordarei algumas passagens que marcaram a especialidade que as circunstâncias da primeira empresa, na qual trabalhei 20 anos praticamente contínuos, induziram-me a abraçar.

Durante namoro com Haidée, por ocasião das festas de 12 de outubro, aniversário da fundação da Escola de Minas, conheci o Dr. Custódio Braga, marido de Dona Auxiliadora, tia de Haidée, formado em 1936 pela Escola de Minas.

Em uma de nossas viagens curriculares, em 1950, visitamos as obras de Salto Grande, iniciadas em 1948. Dr. Américo René Giannetti, ex-aluno da Escola de Minas, chefiava, na Secretaria de Agricultura, Comércio e Indústria, o "Plano de Recuperação Econômica" de Minas Gerais no governo Milton Campos.

Foi fundador da fábrica de alumínio em Saramenha e, por intermédio do Dr. Walter Kruger, um dos seus diretores e nosso Mestre da cadeira de Eletricidade, com outros engenheiros categorizados do Estado, projetou a Usina que, à época, depois da Hidrelétrica de Paulo Afonso, na Bahia, era a maior obra em execução no Brasil.

Na festa da Escola de Minas, em 1950, Dr. Custódio me convidou, caso optasse pela Engenharia Civil, para iniciar minha carreira em Salto Grande.

Durante o período de nosso curso era tradição, além dos cursos de Mineração e Metalurgia, completá-lo com um sexto ano de cadeiras da Engenharia Civil.

Os 21 formandos de 1951 recebiam ofertas de emprego tradicionalmente para a Cia. Vale do Rio Doce, Cia. Siderúrgica Nacional e Petrobrás, entre outras empresas.

O início de nossa carreira de engenharia coincidiu com o Governo Juscelino Kubitschek, sob o slogan "Energia e Transporte", o que induziu 12 colegas a optarem pela Engenharia Civil.

Após a formatura, segui para Três Corações e, em janeiro de 1952, parti para Salto Grande, iniciando carreira sob o comando do engenheiro Homero Schettino, formado também em Ouro Preto, em julho de 1945. Encarregou-me de chefiar turma de topografia nas locações de estradas de acesso aos emboques dos túneis do projeto revisado pela empresa Techint.

O Consórcio Alanbra (Alcasan-Andrade-Braga), contratado pelo governo Milton Campos, esteve com as obras paralisadas durante sete meses antes da criação da Cemig, sob o comando da CEARD – Central Elétrica Alto Rio Doce.

A empresa holding Cemig, criada no Governo JK, sob a direção do engenheiro ferroviário Lucas Lopes, encampou a construção de três usinas: Salto Grande, Itutinga e Camargos.

O novo projeto de Salto Grande teve cinco obras principais: Barragem de Guanhães e Santo Antônio, Túneis Santo Antônio-Guanhães, com 1.200m, e Guanhães-Dalmi até a Chaminé, com 4.600m, e quatro condutos forçados em túneis a partir da base da Chaminé de Equilíbrio, com 60m e geração de 100MW.

No início da execução do túnel principal Gunhães-Dalmi, por sua extensão, houve a necessidade, prevista no projeto de execução, de três galerias auxiliares para abrir outras frentes de ataque para cumprimento do cronograma, incluindo a frente principal junto à barragem de Guanhães.

Dr. Schettino me transferiu, em meados de 1952, para dirigir a abertura das galerias auxiliares e, após sua execução, escavar segmentos do túnel principal: Galeria Salto – Emboque Guanhães, Gale-

ria Cafezeiro – Galeria Salto e Galeria Chaminé – Condutos Forçados Pen Stocks. Período de trabalho – 1952 a 1954.

Completados os 800m do túnel principal, fui transferido, com equipe já consolidada, para executar a escavação e o revestimento do túnel Santo Antônio-Guanhães.

Em setembro de 1955 fui transferido para Petrópolis a fim de executar o túnel do Grinfo, primeira obra da Cia. Braenco subcontratada da Cia. Metropolitana de Construções, sob o comando do engenheiro Homero Schettino.

O túnel do Grinfo foi uma obra tecnicamente bem executada, porém com grande prejuízo como primeiro subcontrato da Braenco com a empresa Metropolitana de Construções para o DNER.

Trouxe-me muita experiência a administração dessa obra, que praticamente foi abandonada pela direção, sempre focada nas concorrências citadas. Por falta de equipamento, tive que alugar caminhões basculantes, carregadeira Bucyrus, compressores, etc, durante a execução de grande corte no emboque Rio do Túnel, sem projeto de talude em rocha fraturada instável.

A escavação do túnel foi feita com base no método belga utilizado em Salto Grande, e o prazo exigido de seis meses foi ultrapassado em 18 meses, sem se considerar o revestimento final, sob nova direção.

A partir da ida do Dr. Homero Schettino para dirigir as obras civis da Usiminas pelo Consórcio Convap, vim substituí-lo na Superintendência da empresa Braenco Engenharia e Construções Hidráulicas, criada por Dr. Braga.

Em 1961, ainda noviço na Diretoria junto ao Dr. Braga, fui responsável pelos túneis do Taquaril da Adutora do Rio das Velhas. A filial do Rio, dirigida pelos engenheiros egressos de Salto Grande, Enes, Gentil Norberto e Luiz Antônio, foi responsável pelas licitações das hidrelétricas.

Com insucesso nas licitações de Três Marias e Furnas entre 1956 e 1957, a filial assinou, em abril de 1960, contrato de 210 casas para abrigar funcionários do IPASE em Brasília no Governo JK.

Com o resultado desastroso da entrega de 100 casas no final de 1960 e 110 em 1961, no governo Jânio Quadros, sem receber sequer a fatura correspondente às primeiras unidades, além das obras deficitárias do túnel do Grinfo em Petrópolis, primeira etapa do Taquaril em BH e investimentos perdidos nas licitações das três hidrelétricas Três Marias, Furnas em MG e Barra Bonita em SP, a Braenco foi obrigada solicitar a recuperação judicial.

Esse episódio foi uma passagem amarga, principalmente para o Dr. Braga e para mim, que não o abandonei. Com a reformulação da nova Cia. Alambra, em substituição à Braenco, e a assunção de Dr. Fernando Lacourt à presidência, colega e amigo do Dr. Braga, conseguimos, com seu apoio e ingentes esforços calcados no grupo de uns 20 trabalhadores de escol, recuperar em dois anos as dívidas da empresa sem receber as faturas do IPASE.

Com o terceiro contrato para a retomada do túnel principal do Taquaril e túneis do Ramal Alegria-Fábrica Ferteco, da CVRD, iniciamos fase áurea da nova Cia. Alambra de Engenharia entre os anos de 1963 e 1970.

Com entusiasmo revigorado, executamos oito túneis ferroviários para a Cia. Vale do Rio Doce, o túnel urbano da Lagoinha, em consórcio com a Servienge, e os túneis do Joá, Pepino e Frei Caneca, no Rio de Janeiro, sob a direção de Luiz Ignácio Jacques de Moraes.

Devo reconhecer o apoio financeiro recebido do papai Zequinha e do sogro Zezé Oliveira durante os dois anos difíceis que atravessamos.

Não desejo repisar, por constar do livro, o trauma vivido entre 1970 e 1972 com os últimos contratos de três túneis com a Cia. Vale do Rio Doce e o contrato de três poços e três galerias escavados em basalto para a Cemig, no corpo da barragem da Usina de São Simão, entre abril e agosto de 1972.

Encerrada a participação na Cia. Alambra, após comunicar minha demissão à nova gestão e cumprir com responsabilidade as tarefas que me cabiam, tomei novo rumo na carreira na EPC – Engenharia Projeto e Consultoria.

A terceira fase da minha vida profissional constitui-se na criação da empresa G Fonseca Engenharia de Túneis, em janeiro de 1992, que completa 27 anos de atuação, com o total de 67 anos de labuta na carreira que o destino me proporcionou.

Decisões marcantes na jornada profissional

Nos meus 67 anos de vida profissional, houve três episódios de difícil decisão, mas que foram de grande importância na minha carreira.

Saída da Braenco

Em setembro de 1957, terminamos a escavação com contenções em perfis metálicos do túnel do Grinfo em Petrópolis.

A espera de posição técnica de maior relevo em obra hidrelétrica foi frustrada com a desclassificação da empresa, entre 1956 e 1957, nas licitações da segunda etapa da Usina da Cemig em Salto Grande e Três Marias, acrescidas de Furnas, em Minas Gerais, e Barra Bonita, em São Paulo. Grupo de três a quatro engenheiros tarimbados, sob o comando de Dr. Custódio Braga no escritório do Rio, trabalharam no orçamento das citadas obras. Porém, mesmo com o grande currículo de hidrelétrica de Saldo Grande, a falta de equipamento próprio foi o fator decisivo na perda dessas obras.

Convidado pelo amigo e ex-aluno da EMOP Aderbal Castilho Coelho, sócio da Sondotecnica, transferi-me com a família, já com três filhos, para Belo Horizonte.

Dos primeiros trabalhos na Sondotecnica sob o comando do colega José Macedo, fui, em fins de setembro de 1957, acompa-

nhar o geólogo Dr. Pichler, de São Paulo, nos estudos de possíveis aproveitamentos hidroelétricos na Bahia.

Trabalhei sete meses em injeção de cimento na barragem de Abaeté para o DNOS e em sondagens principais da Usina Suíça, no Espírito Santo, bem como nos Túneis Taquaril, da Adutora do Rio das Velhas em Nova Lima, Belo Horizonte, como obras principais.

Em princípio de abril de 1958, Dr. Braga me procurou convidando-me para regressar à Braenco, que assinara contrato com o DNER para a construção da ponte de Cristalina, na estrada BH/Brasília, e com perspectiva de licitação do "Alteamento e Alargamento" dos Túneis da Mantiqueira para a RMV – Rede Mineira de Viação, entre Passa-Quatro e Cruzeiro, o que se confirmou no segundo semestre de 1958.

As condições oferecidas me eram favoráveis, mas não me sentia em condições psicológicas para solicitar demissão à direção, especificamente ao Aderbal, para quem eu trabalhava no momento. Dr. Braga argumentou que, se eu concordasse, procuraria Aderbal, que lhe devia favores na contratação de sua anterior empresa, Cia. Brasileira de Sondagens, em Salto Grande, o que de fato ocorreu.

A obra de Passa-Quatro, sob a orientação do engenheiro superintendente e de meu primeiro chefe, Homero Schettino, foi grande sucesso técnico e financeiro para a Braenco e para meu currículo e minha posição na empresa.

Após o contrato da construção das obras civis da Usiminas, assinado com o consórcio Convap – Cia. Alcindo Vieira, Mascarenhas

Barbosa Roscoe e Braenco, sob o comando de Homero Schettino, Dr. Braga me distinguiu em 1960 com o cargo honroso de Diretor Superintendente dos Túneis Taquaril e Mantiqueira.

Presença essencial de Haidée em dois momentos delicados

Na minha história de vida, não poderia deixar de enfatizar a figura de Haidée, mulher determinada na virtude de conduzir nosso lar de sete filhos, nascidos entre 1954 e 1967, além de ajudar nossa cozinheira Maria Amorim a orientar seus filhos Joel e Giovane nos estudos e no comportamento.

Houve, na fase difícil de minha vida profissional, entre 1960 e 1962, em virtude da recuperação judicial da empresa Braenco, duas atitudes decisivas com relação à condução da formação intelectual dos nossos filhos.

Dispus-me a enfrentar, com o Dr. Braga, o desafio contra a manifesta opinião das duas famílias. Disse-me Haidée, com convicção, que estaria pronta a fazer todo o sacrifício possível naquela difícil emergência, porém a educação primária dos filhos seria prioridade, em estabelecimento particular melhor credenciado em BH.

Assim, foi realizada a matrícula dos filhos na Escola São Tomaz de Aquino, das mestras Tereza Machado e Maria Silvia.

A segunda atitude corajosa se deu em 1962, durante minha ida para Olinda, em Pernambuco, para dirigir a execução do plano

piloto subterrâneo de pesquisa de fosfato. Esse trabalho foi executado para a empresa Fosforita Olinda, com grupo selecionado de grandes profissionais tuneleiros, que me acompanharam desde o início da carreira em Salto Grande. Permaneci na obra de abril a agosto, tendo regressado a Belo Horizonte somente uma vez, por ocasião do falecimento prematuro do cunhado Antônio Augusto, único irmão de Haidée entre as seis mulheres. Sozinha em Belo Horizonte, com o auxílio de Dona Amélia, sua mãe, e as bênçãos divinas, comandou com dedicação e esforço os cinco filhos, à época, com os recursos financeiros que eu lhe transferia de Olinda.

Formados os sete filhos na UFMG e na PUC, após estudo ginasial e colegial no Santo Antônio (4), Colégio de Aplicações (2), e Tela já casada no Rio de Janeiro, todos tiveram êxito nas carreiras escolhidas.

Haidée, com sua esmerada organização, após trajetória vitoriosa na educação dos filhos, contribuiu com as obras sociais da paróquia São Mateus, com sua inseparável amiga Mundinha.

Saída da Cia. Alambra de Engenharia

Foi em setembro de 1972. Houve, pelos motivos explanados na publicação, em 2012, do livro *Minha Vida Entre Túneis*, concordata da Braenco em 1961, após cerca de um ano e meio na nova função de Diretor.

Tomei, à época, a decisão difícil de ser o único dos engenhei-

ros da Braenco, junto ao Dr. Braga, a acompanhá-lo na árdua jornada de sacrifícios até a sua recuperação financeira em 1963, com o pagamento integral aos bancos financiadores e ao comércio em geral. A recuperação judicial exigiu sua substituição pela antiga Cia. Alambra, cuja origem se deu após o desmembramento do Consórcio Alanbra, de Salto Grande. O período pós-recuperação, entre 1964-1970, trouxe enorme sucesso à nova empresa com as obras por mim dirigidas, a saber: terceira etapa do contrato dos Túneis Taquaril, Túnel I Lagoinha Concórdia e cinco túneis da Cia. Vale do Rio Doce no ramal ferroviário Fazenda Alegria – Fábrica Ferteco.

No Rio de Janeiro, sob o comando de Luiz Jacques de Moraes, profissional que iniciou trabalho comigo em 1962, no complexo Túnel do Taquaril, foram construídos os túneis Joá e Pepino para o DER-RJ, na ligação rodoviária Lagoa – Barra da Tijuca, e o complexo túnel Frei Caneca para a Sursan, RJ.

Explanei também, na publicação citada, a razão do meu desligamento irrevogável da Cia. Alambra em setembro de 1972, após o término do contrato dos poços e galerias no núcleo da barragem da grande Usina Hidrelétrica de São Simão, para a Cemig.

A convite do amigo engenheiro Homero Schettino, colaborei na transformação, em 1973, do antigo Escritório de Projeto Convap, com contrato de estrutura metálica para a Cia. Vale do Rio Doce, na atual EPC – Engenharia Projeto e Consultoria.

Integrei-me à nova empresa após vencermos a licitação do Projeto e Gerenciamento da duplicação da EFVM de Itabira a Vitória, com a construção de 12 túneis.

Na EPC, assumi a diretoria colegiada de 1977 a 1989 e, por iniciativa pessoal, me demiti, retornando ao antigo cargo de chefia da Divisão de Transportes até setembro de 1991. Na crise pós impeachment de Collor de Mello, houve necessidade de drástica redução do efetivo da EPC. Independentemente da minha vontade, tive, com outros colegas, que deixar a empresa, na qual julgo ter prestado relevantes serviços, e fui recompensado da difícil situação financeira ao término da longa passagem pelas empresas anteriores.

Na contingência da longa recuperação econômica do país, tomei a decisão de iniciar a pequena empresa de projeto e consultoria G Fonseca Engenharia de Túneis, em atividade e com compensadora trajetória técnica.

Palestra sobre execução de túneis na SME em 1976

Medalhas e comendas da vida profissional

Sempre foi de praxe a Escola de Minas homenagear as turmas que completassem 25, 50 e 60 anos de formatura com os escudos de prata, ouro e ouro mais puro, respectivamente.

Em 1989, como já descrito, por indicação da SEMOP BH e aprovação da diretoria da Escola de Minas, fui agraciado como engenheiro destaque do ano na festa do "12 de outubro de 1988".

Em 2004, por indicação do geólogo Mirandola, paulista que trabalhou comigo na EPC, fui convidado pelo Comitê Brasileiro de Túneis de São Paulo a apresentar obras subterrâneas para a edição do livro Túneis no Brasil desde o Império. Em 2008, com o apoio de grandes empresas, o livro foi publicado e, entre 25 profissionais agraciados, fui incluído com placa "Honra ao Mérito".

Posteriormente, a ABMS, à qual me associei por incorporar o CBT, por indicação do grande mestre e amigo André Assis, homenageou-me com o Diploma de Engenheiro Geotécnico em 2012, por intermédio de sua Diretoria e seu Conselho.

A Fundação Gorceix, em Ouro Preto, em 2016 me homenageou com a medalha Claude Henri Gorceix pelo desempenho de conselheiro desde 2004, junto aos colegas Orlando Euler de Castro, Eurico Ribeiro e Ciro Cunha Mello.

A SME me homenageou, em 2019, com diploma em reconhecimento pela relevante atuação no desenvolvimento da Engenharia Brasileira. Fui conselheiro da SME no CREA de 1982 a 1985 como presidente da Comissão de construção do acabamento de

quatro andares da nova sede e vice-presidente na gestão de Márcio Rocha entra 1984 e 1985.

Solenidade de entrega de diploma pela Diretora da SME, em 2019. Ao meu lado direito minha filha Maúde.

O Conselho Federal
de
Engenharia, Arquitetura e Agronomia

em obediência ao preceituado no art.32 e seu § 1º da
Lei nº 5194, de 24 de dezembro de 1966 concede ao

Eng de Minas Metalurgico e Civil Geraldo de Almeida Fonseca

o presente certificado de

serviço relevante prestado à Nação

como Conselheiro do CREA-MG
de 03-11-83 a 31-10-85

Brasília, 27 de janeiro de 1986

3495

ABMS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MECÂNICA DOS SOLOS E ENGENHARIA GEOTÉCNICA

NÚCLEO REGIONAL DE MINAS GERAIS - NRMG

Os associados e a diretoria do Núcleo Regional de Minas Gerais da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MECÂNICA DOS SOLOS E ENGENHARIA GEOTÉCNICA com muito orgulho oferecem este

CERTIFICADO DE AGRADECIMENTO

ao colega engenheiro

GERALDO DE ALMEIDA FONSECA

pela sua destacada participação na Geotecnia Nacional ao longo de mais de seis décadas de atividades profissionais.

Belo Horizonte, 25 de Novembro de 2014

Engº Ivan Libanio Vianna
PRESIDENTE DO NRMG DA ABMS

Engª Cássia Maria Dinelli de Azevedo
VICE-PRESIDENTE DO NRMG DA ABMS

Solenidade de entrega do diploma na Fundação Gorceix em 2016

Honraria Gorceix

A Fundação Gorceix outorga à

GERALDO DE ALMEIDA FONSECA

FUNDAÇÃO GORCEIX

Comemoração do título de engenheiro destaque de 1989, na Escola de Minas em Ouro Preto

Universidade Federal de Ouro Preto
Escola de Farmácia

Certificado

A Escola de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto, em seu 173º aniversário de fundação, homenageia o ex-aluno

Haydée de Oliveira

por ocasião de seus 62 anos de formatura.

Ouro Preto, 24 de março de 2012.

Profª Drª Marta de Lana
Diretora da Escola de Farmácia

Profª Drª Cláudia Martins Carneiro
Presidente da Associação dos Ex-Alunos da Escola de Farmácia

Haidée, entre seu filho Márcio e o reitor da UFOP, recebendo homenagem de 62 anos de formatura pela Escola de Farmácia em Ouro Preto

CONCLUSÃO

Ao término da longa jornada de 94 anos meu propósito foi recordar a história de vida, ligada intrinsicamente às famílias de nossos queridos e saudosos antepassados, especialmente avós e pais.

Focalizando a fraternidade da convivência na Fazenda da Cota, com avós e tios paternos, e em Três Corações, com avô e tios maternos, os quais influíram junto aos queridos e carinhosos pais na minha formação humana e intelectual.

A história revelou passagens gravadas na memória para gerações presentes e futuras de nossos queridos filhos e agregados, netos e bisnetos, que premiaram a mim e à caríssima Haidée com a continuidade de nossa família abençoada por Deus.

SUMÁRIO

Prefácio	7
Considerações iniciais	9
Três Corações	11
São João Del'Rei	31
Ouro Preto	35
Trajetória nos esportes	49
Associações	57
Vida familiar	67
Viagens nacionais e internacionais	91
Vida profissional	107
Conclusão	127

O nome Geraldo é originado do germânico *Gerwald*, composto pela junção dos elementos *gair*, que significa "lança", e *wald*, *vald* ou *waltan*, que significa "governar, dirigir". Tem, portanto, o sentido de "senhor da lança, guerreiro forte".

Dizem que são apaixonados, íntegros e melancólicos os Geraldos. Aqueles que possuem este nome apreciam os prazeres simples da vida e vivem em um mundo de sonhos, do qual só se afastam para ajudar os outros.

Este nome coube muito bem ao autor que, forte e apaixonado, soube construir um núcleo familiar próspero e amoroso com Haidée, um círculo de amigos e conhecidos coeso e longevo, uma liderança exemplar para suas equipes e ainda dar suporte àqueles que cruzaram o seu caminho e lhe pediram ajuda.

Geraldo nasceu em Três Corações no dia 26 de janeiro de 1926, morou em diversos lugares e vive em Belo Horizonte desde 1960.

Ler *História de uma longa vida* é como fazer um passeio.

A partir da trilha das memórias, emoções e reflexões do autor, vamos respirando junto com ele suas lembranças familiares desde a infância até os dias atuais. Geraldo, mesmo com seus 94 anos, continua completamente lúcido e sensível.

Suas alegrias e proezas ao longo desta admirável jornada mostram como soube valorizar seu cotidiano e forjar momentos inesquecíveis. E os momentos de dificuldade e decepção ampliaram sua capacidade de adaptação às circunstâncias e aos desafios que a vida lhe apresentava.

Com um jeito fluido de escrever, faz deste livro, relevante obra biográfica para todos que conviveram com ele, descendentes, familiares e amigos!

Editora B

Fazer a revisão do livro de papai foi algo inesperado, mas muito significativo e prazeroso. Ler as histórias que já o ouvira contar, algumas novas e outras que também vivi, me remeteram a um verdadeiro túnel do tempo de meu próprio passado.

Discutir com ele meus pontos de vista sobre o livro e poder contribuir com fotos e ideias foi um momento marcante e, de certa forma, uma pequena retribuição por tudo que recebi dele e de mamãe.

Considero este livro um legado para todos nós! E para a nova geração que está chegando em nosso ninho, temos aqui, um pouco da história de nossa ancestralidade e uma inspiração para o cultivo de valores como força, justiça, honestidade, integridade e resiliência.

Tela Fonseca

ISBN: 978-65-00-63091-4
9 786500 630914